

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE HISTÓRIA

**LARISSA FERREIRA RIBEIRO**

**IMPACTOS DA REVOLUÇÃO CUBANA NO DEBATE POLÍTICO  
MARANHENSE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO *JORNAL DO POVO*  
(1959- 1964)**

SÃO LUÍS -MA

2024

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE HISTÓRIA

**LARISSA FERREIRA RIBEIRO**

**IMPACTOS DA REVOLUÇÃO CUBANA NO DEBATE POLÍTICO  
MARANHENSE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO *JORNAL DO POVO*  
(1959- 1964)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de História da  
Universidade Estadual do Maranhão  
para o grau de licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Carine Dalmás

São Luís -MA

2024

Ribeiro, Larissa Ferreira.

Impactos da Revolução Cubana no debate político maranhense : uma reflexão a partir do Jornal do Povo (1959-1964) / Larissa Ferreira Ribeiro. – São Luís, 2024.

61 f. : il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Carine Dalmás.

1. Jornal do Povo. 2. Revolução Cubana. 3. Circulação de Ideias – América Latina. I. Título.

CDU 94(729.1):070(812.1)“1959-1964”

**LARISSA FERREIRA RIBEIRO**

**IMPACTOS DA REVOLUÇÃO CUBANA DO DEBATE POLÍTICO  
MARANHESE: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO *JORNAL DO POVO* (1959-  
1964)**

Aprovada em: 23/08/2024

BANCA EXAMINADORA

---

**Profa. Dra. Carine Dalmás (Orientadora)**

Universidade Estadual do Maranhão

---

Professor (a) Dra. Lidiane Elizabete Friderichs

---

Professor (a) Dr. Isaac G. Bernat

São Luís – MA

2024

## RESUMO

Esta monografia analisa como o *Jornal do Povo* abordou a Revolução Cubana no período compreendido entre 1959 e 1964. Partimos do pressuposto da relevância desse acontecimento para a época e sua repercussão nos debates, projeto e ações políticas na época, especialmente, na América Latina. Com base nos inúmeros textos encontrados no jornal, orientamos a revisão bibliográfica que abre o trabalho e exploramos as principais linhas de abordagem do acontecimento identificadas no jornal: a interpretação de seus colaboradores sobre as sanções estadunidenses ao governo revolucionário cubano e às relações do Brasil com Cuba. Procuramos demonstrar como as reportagens explicaram os impasses gerados por esse episódio impactaram na política externa e debates diplomáticos que envolveram Cuba, Brasil e Estados Unidos. Além disso, ressaltamos a relevância da imprensa como fonte de pesquisa privilegiada para a compreensão da circulação das ideias na América Latina no século XX.

**Palavras-chave:** Jornal do Povo, Revolução Cubana, Circulação de Ideias na América Latina

## **ABSTRACT**

This monograph analyzes how the *Jornal do Povo* approached the Cuban Revolution in the period between 1959 and 1964. We assume the relevance of this event for the time and its repercussion in debates, project and political actions at the time, especially in Latin America. Based on the numerous texts found in the journal, we guide the bibliographical review that opens the work and explore the main lines of approach to the event identified in the newspaper: the interpretation of his collaborators on the American sanctions to the Cuban revolutionary government and Brazil's relations with Cuba. We tried to demonstrate how the reports explained the impasses generated by this episode impacted on foreign policy and diplomatic debates involving Cuba, Brazil and the United States. In addition, we emphasize the relevance of the press as a privileged source of research for understanding the circulation of ideas in Latin America in the twentieth century.

**Keywords:** People's Daily, Cuban Revolution, Circulation of Ideas in Latin America

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
1. Historiografia sobre a Revolução Cubana.....	16
2. Neiva Moreira e <i>O Jornal do Povo</i> .....	27
2.1 <i>O Jornal do Povo</i> .....	28
3. A REVOLUÇÃO CUBANA.....	38
<b>Análise sobre a Revolução Cubana no <i>Jornal do Povo</i></b> .....	38
<b>3.1 EUA e Cuba nas páginas do <i>Jornal do Povo</i></b> .....	40
3.2 Países Latino – Americanos e a Revolução Cubana no <i>Jornal do Povo</i> .....	46
<b>Conclusão</b> .....	56
<b>Referências:</b> .....	59

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é resultado do projeto coordenado pela Prof. Dr<sup>a</sup> Carine Dalmás, intitulado “*O Jornal do Povo*, Neiva Moreira e as Américas”, que teve por objetivo analisar o posicionamento do *Jornal do Povo* e o papel exercido por Neiva Moreira na abordagem e difusão de temas e acontecimentos políticos que marcaram a História das Américas entre 1950 e 1964. Os principais documentos da pesquisa foram reunidos durante a realização do plano de trabalho intitulado “A Revolução Cubana no *Jornal do Povo* (1959-1964)”, entre 2019 e 2021 e financiado com bolsa PIBIC/FAPEMA.

Apresentamos uma revisão bibliográfica ampliada e, principalmente, da análise das posições dos colaboradores, especialmente de Neiva Moreira, sobre a Revolução Cubana de 1959 e seus desdobramentos até 1964, ano em que o *Jornal do Povo* encerrou suas atividades. Enfatizamos os episódios que tiveram destaque no *Jornal do Povo* e, desse modo, ressaltamos reflexões relacionadas com as relações entre Cuba, EUA e Brasil.

O *Jornal do Povo*, conforme afirmou seu principal editor, Neiva Moreira (1989), proporcionou à sociedade ludovicense um veículo de imprensa progressista para a época, pois expressou uma reformulação da imprensa no Maranhão. “Substituiu aquele jornalismo literário, pretensamente analítico ou de fuxico doméstico, valorizando a reportagem e denúncia” (MOREIRA, 1989, p.107).

Para Neiva Moreira (1989), nas décadas de 1960 e 1970 do século XX, a conjuntura de muitos países latino-americanos sofrera com regimes militares em que os Estados Unidos apoiaram (de forma aberta ou não) ditadores e regimes em nome de seus interesses imperialistas na América Latina. Após o golpe de 1964, a guerrilha colocou-se como uma alternativa de luta política factível.

Conforme análise de Eric Hobsbawn (2017), no século XX os Estados Unidos representavam o país mais poderoso das Américas e do mundo. Com a intensificação da Guerra Fria principalmente na década de 1960, com os desdobramentos da Revolução Cubana (1959) as intervenções no continente ficaram mais tensas.

O historiador Luis.F.Ayerbe(2004), ressalta como a Revolução Cubana, especialmente após o mandato presidencial de Eisenhower (1953-1961), impactou nos rumos da política externa dos EUA para a América Latina, principalmente após Fidel Castro declarar o alinhamento à União Soviética e, com isso, intensificar os efeitos da Guerra Fria no continente. .

Ayerbe (2002) frisa que a América Latina contemporânea é repleta de experiências políticas sobre a dependência externa, tendo uma ampla desigualdade de riqueza. Contudo, a historiadora Emilia Viotti da Costa (2004) ressalta que no século XX houve várias revoluções liberais em que eram influenciadas pelos atos revolucionários e pela União Soviética que ultrapassava fronteiras tanto na Europa quanto na América, assim havendo conflitos que marcaram o século XX.

No início do mesmo século, o ciclo das revoluções liberais parecia definitivamente encerrado. O processo revolucionário agora estava sob inspiração de socialistas e comunistas, referências que ultrapassavam as fronteiras da Europa e da América para assumir caráter mais universal.

O historiador Luiz Bernardo Pericás (2018) ressalta que na primeira metade do século XX, o caráter dependente do capitalismo cubano sobre o interesse dos monopólios norte-americanos impactou no desenvolvimento de Cuba. Naquele contexto, entre 75% e 80% do comércio exterior era com os EUA. Este país controlava mais de 75% das exportações de Cuba. Para o autor:

[...] Em Cuba houve um ambiente favorável para acumulação e ampliação de capital estadunidense por meio de acordos assinados por dignitários locais, em geral, vinculados a Washington ou a empresas norte-americanas, que apenas contribuíram para manter inalterado o estado geral de “nação”. Com isso, durante décadas, o que se pôde constatar foi uma deterioração de diversos índices sociais, primeiramente nas áreas rurais, e parca, se não ínfima, eficiência econômica global (PERICÁS,2018, p.15).

Nesse sentido, o sociólogo Florestan Fernandes (2007) salienta que o início da Revolução Cubana teve intuito de solucionar no aspecto militar em que encerrou um regime social, econômico, libertando um espaço político para a classe trabalhadora e mais baixa. A Revolução está relacionada ao aspecto histórico-social de Cuba em que a mesma já se encontrara madura e a figura de Fidel Castro fora imprescindível para ação revolucionária. Contudo, Fidel Castro teve uma sagacidade em aspectos da revolução,

tendo artifícios que fez com que o movimento castrista fosse revolucionário sendo o pilar da guerrilha.

Fernandes (2007) destaca que a Revolução Cubana rompeu principalmente no aspecto econômico, pois anteriormente, somente as classes mais altas se beneficiavam, enquanto as camadas mais baixas ficavam em extrema pobreza, desconstruindo a concepção de que o subdesenvolvimento dificultava atos revolucionários e deixando evidente que países latino-americanos podiam ser influenciados. Nas palavras do autor, [...] A revolução Cubana encerrava uma época histórica, e que mais importante, abria a época histórica nova, impregnada de nacionalismo libertário, de anti-imperialismo, de socialismo e de comunismo revolucionários[...] (FERNANDES, 2007, p.337).

Ayerbe (2004) pontua que, no contexto da Revolução Cubana, políticas foram adotadas para o crescimento econômico interno do país, em que alianças feitas com a União Soviética possibilitaram um grande desenvolvimento, mais precisamente em 1975, na educação e pesquisa, onde Cuba se destacou em aspectos científicos na área de medicina e indústria farmacêutica, sendo que esse último ponto possibilitou uma grande variação nas exportações do Terceiro Mundo.

Segundo Eric Hobsbawm (2003), ao contrário do que Karl Marx propunha no século XIX, as revoluções socialistas do século passado deram-se em periferias capitalistas, o que fez com que o andamento de transição fosse dificultoso. Para o mesmo autor, o golpe de Fulgêncio Batista foi derrubado devido a sua fragilidade e por falta de apoio de classes políticas que se opuseram ao ditador, portanto, a conquista do poder pelos guerrilheiros representou para sociedade cubana um alívio. Ele afirma:

Os rebeldes latino-americanos na década de 1950 inevitavelmente se viram não só recorrendo à retórica de seus libertadores históricos, de Bolívar ao José Martí da própria Cuba, mas à tradição anti-imperialista e social-revolucionária da esquerda pós-1917 (HOBSBAWM, 2003, p.426).

Michael Löwy (2016) ressalta que a transição da Revolução Cubana para a revolução socialista fora afirmada em 1961 em um discurso feito por Fidel Castro após o enterro de vítimas do ataque de aviões advindos da Guatemala. O mesmo, em seu livro O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 até os dias atuais, disponibilizam discurso em que Fidel Castro afirmou: “Companheiros operários e camponeses, esta é a Revolução socialista e democrática dos humildes, com os humildes. É por esta revolução

dos humildes, e pelos humildes e para os humildes, estamos dispostos a dar a vida”. (LOWI, 2006, p.288).

Esta pesquisa procurou assim demonstrar como a Revolução Cubana impactou política e intelectualmente no Brasil a partir do estudo da sua abordagem no jornal maranhense. Entre os acontecimentos latino-americanos mapeados no *Jornal do Povo*, em todo o período de sua circulação, de 1950 e 1964, a Revolução Cubana foi um dos que evidentemente mais impactaram entre seus editores e colaboradores. Certas concepções políticas que marcariam o engajamento político e intelectual de Neiva Moreira após 1964 já podem ser identificados nas suas reflexões sobre Cuba revolucionária.

Segundo José Rossini Campos do Couto Corrêa, é interessante considerar o que esses políticos e intelectuais maranhenses pensavam sobre a Revolução Cubana e suas expectativas de influenciar direta ou indiretamente a perspectiva de uma revolução brasileira.

Ao considerar a abordagem do *Jornal do Povo* sobre a Revolução Cubana torna inevitável uma reflexão a respeito do papel de Neiva Moreia no jornal e no ambiente político e intelectual maranhense. Tendo em vista que, conforme atesta Jean-François Sirinelli, os intelectuais vinculados à atividade política possuem uma dimensão intrinsecamente cultural (Sirinelli,2003, p.232).

Na análise dos artigos de opinião sobre a Revolução Cubana, pudemos observar como alguns acontecimentos ligado ao contexto marcado por disputas ideológicas, militares, econômicas, políticas e culturais, que se difundiram em diversos lugares do mundo, impactaram jornalistas, intelectuais, políticos de vários locais, inclusive do Maranhão que envolviam a Revolução. Mobilizou o Maranhão principalmente nas tensões políticas locais, quando, por exemplo, publicou o posicionamento crítico de José Sarney em relação ao intervencionismo estadunidense com o intuito de afirmar o nacionalismo de suas concepções político-ideológicas.

A organização dos passos da pesquisa nos jornais e sua realização respaldou-se nas reflexões das historiadoras Maria Helena Capelato (2015) e Simone S. Bezerril (2016), Tania Regina de Luca (2005). Com o estudo do *Jornal do Povo* observamos, de acordo com Simone S Bezerril, como a imprensa proporciona uma gama de fontes

históricas que permitem compreender comportamentos sociais, manifestações ideológicas de uma determinada época e a maneira como se organizaram acontecimentos culturais. Os periódicos assim exercem o papel de registrar os fatos cotidianos de acordo com uma linha editorial preestabelecida, não apresentando qualquer possibilidade de constituir-se em um suporte neutro ou imparcial de informações (Bezerril, 2016, P. 5)

A imprensa brasileira entre 1970 e 1990 expandiu-se para além dos grupos empresariais. Jornais e revistas passaram a ser criados e dirigidos por grupos políticos e intelectuais que reivindicavam direitos políticos e sociais diversos e que dependiam da conscientização política da sociedade para que fossem legitimados. Isso abriu novas possibilidades e importantes instrumentos de pesquisas para os historiadores (De Luca, 2005, p. 120).

O primeiro deles está relacionado à análise da materialidade dos mesmos, o que pode indicar as condições técnicas de produção da época, as práticas de leitura e circulação desse objeto e os “possíveis sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação” (De Luca, 2005, p. 132). Também devem ser considerados os mecanismos de difusão e distribuição do periódico e sua tiragem, para tentar perceber a amplitude da recepção; estas tarefas, segundo a autora, ajudam a historicizar os impressos. A análise dos conteúdos é considerada uma etapa central dos procedimentos, porque através deles podemos nos dar conta das escolhas e motivações das ideias que seus autores pretenderam transmitir (De Luca, 2005, p.133).

Quando se trata dos periódicos maranhenses da década de 1960, tinham um cunho político. O jornalista Ramon B. Costa expõe a concepção de Benedito Buzar (1997) de que o tripé desse jornalismo local era polícia, política e esporte. Os jornais estavam encarregados de noticiar, ou mesmo resguardar o que interessava aos donos, ao grupo político proprietário do jornal. Por essa razão, enfatiza-se a importância de se buscar compreender a articulação do grupo responsável pela linha editorial e seus colaboradores com as notícias e temas privilegiados no *Jorna do Povo*.

Sonia Meneses (2014) quando fala sobre “A operação midiográfica: da escritura do evento na cena pública à inscrição do acontecimento no tempo - a mídia, a memória e a história” reconhecem que as estruturas produtoras da mídia têm sentidos, interesses, posturas - políticas e ideológicas. Para além disso, evidenciam formas de pensamento

histórico e maneiras de lidar com eventos. E esses mesmos produtores são testemunhas e formuladores de considerações sobre eventos: narram e explicam o significado. Para ela, as tarefas dos jornalistas é de serem agentes da história, merecem reconhecimento pela forma que interpretaram os acontecimentos de determinada época que de alguma forma ajudaram na construção de uma memória.

Além disso, a abordagem sobre a Revolução Cubana reafirma a localização de Neiva Moreira em um campo nacionalista, progressista e frentista, como também seu empenho de informar e formar a opinião pública local sobre importantes acontecimento geopolíticos que afetaram o continente.

De forma geral, há poucos trabalhos utilizando o *Jornal do Povo* como fonte que abordam questões políticas da América Latina e o que foi encontrado sobre A Revolução Cubana estava centrado apenas no levantamento de algumas notícias em anos dos maiores acontecimentos envolvendo a ilha caribenha e discussão bibliográfica com objetivo de dar ênfase as políticas imperialistas dos Estados Unidos exercidas em Cuba<sup>1</sup>. Ligado a um contexto marcado por disputas ideológicas, militares, econômicas, políticas e culturais, que se distribuíram em diversas áreas do globo, e impactaram jornalistas, intelectuais, políticos de vários locais, inclusive do Maranhão.

As autoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2007) apontam que os periódicos “são artefatos da modernidade e, no processo de sua configuração enquanto materialidade, carregam para dentro de sua composição, dentro dos limites e possibilidades colocadas pela técnica da impressão, as linguagens e gêneros que foram aí inventadas” (Cruz e Peixoto,2007, p.07).

As autoras enfatizam que em questões de avanço de materiais para trabalhos como pesquisa e ensino, a imprensa tem ganhado bastante ênfase. Mas precisam ser aperfeiçoados os procedimentos teórico-metodológicos. Nesse processo, é necessário enfrentar uma análise sobre a historicidade da imprensa e refletir acerca de seu papel como agente ativo na história do capitalismo e não apenas como arquivador de diversos processos históricos. Nesse sentido:

---

<sup>1</sup> REGO NETO, Álvaro Moreira. A Revolução Cubana no Jornal do Povo (1959-1964): uma análise dos editoriais; ; 2017; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em História) - Universidade Estadual do Maranhão; Orientador: Carine Dalmás;

Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico e metodológico. Trata-se de entender a Imprensa como linguagem constitutiva do social, que detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa /sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe (CRUZ e PEIXOTO, 2007, p.06).

Para breve síntese histórica da Revolução Cubana, buscou-se autores que trabalham com essa temática, tais como Luis.F. Ayerbe (2004), Luiz Bernardo Pericás (2018), Florestan Fernandes (2007), Michael Löwy (2016) e Moniz Bandeira (2009). Já os autores chaves para se pensar o periódico e a figura de Neiva Moreira como jornalista e intelectual: Rossini Correa (2017), Neiva Moreira (1989) e José Ribamar Ferreira Júnior (1998). Por fim, do ponto de vista metodológico, foram centrais os trabalhos das historiadoras Maria Helena Capelato (2015), Tania Regina de Luca (2005) e Simone S. Bezerril (2016).

Pensando nas relações entre Cuba, Brasil, Estados Unidos e outros países da América Latina, se fez necessário a utilização de autores internacionalistas para assim estruturar uma relação com os acontecimentos que mais repercutiram na Revolução Cubana. Hélio Franchini Neto (2005), Luís Cláudio Villafae Gomes Santos (2014), Rubens Ricupero (1996) e Gustavo Henrique Marques Bezerra (2012).

No primeiro capítulo apresentamos uma revisão historiográfica sobre a Revolução Cubana, fazendo um pequeno parêntese sobre o processo de independência e como esse acontecimento foi influenciado nos anos posteriores. É exposto como ocorreu a chegada dos guerrilheiros em Havana e como foram os desdobramentos da Revolução Cubana até 1964;

No segundo capítulo, há seções “Neiva Moreira” e “Jornal do Povo”. Na sua primeira divisão de forma geral mostra a trajetória política e intelectual do diretor do jornal. Em seguida, expresso a história do jornal, seus colaboradores e sua posição política amplamente aberta na sociedade maranhense.

Por fim, o terceiro capítulo intitulado “A Revolução Cubana” possui três divisões: A primeira Análise a Revolução Cubana no *Jornal do Povo*” explica o trabalho da imprensa como técnicas de impressão, como os títulos e subtítulos são importantes, como as localizações das notícias em um periódico tem uma grande mensagem por trás, as primeiras páginas são como vitrine. Já a segunda “EUA e Cuba nas páginas do Jornal do

Povo” discute as relações entre os norte-americanos com o movimento revolucionário, dimensionando os destaques e embates entre os dois países em meio a Guerra Fria, como repercutiu na imprensa brasileira e maranhense. Nesse sentido, foram selecionadas algumas notícias que visaram discutir com a bibliografia do tema. e “Países Latino-americanos e Revolução Cubana no Jornal do Povo”. é feito um balanço dos vínculos entre cuba e outros países da América Latina, destaca o Brasil como país com maior quantitativo de notícias, enfatizando cada governo ao longo do recorte do trabalho. Ressalta como os governantes brasileiros se posicionavam acerca de grandes acontecimentos como ataque a Baía dos Porcos e Crise dos Misseis, assim como intelectuais maranhenses.

## **1. Historiografia sobre a Revolução Cubana**

A historiadora Cláudia Wasserman (2007) aponta fatores que impulsionaram a realização de pesquisas sobre a Revolução Cubana no Brasil, destacando a preocupação de determinados grupos em entender as influências e impactos do processo revolucionário no cotidiano da sociedade brasileira. Para isso, em seus estudos realizado ela aponta que foi necessário compreender discursos de jornais, revistas, declarações oficiais, diplomáticas, análises de intelectuais, jornalistas, historiadores, líderes religiosos e cientistas sociais sobre o que os brasileiros pensavam que estava acontecendo em Cuba.

Mas no que se refere a repercussão da Revolução Cubana no Brasil e em outros países da América Latina, observa-se que houve um amplo impacto positivo e negativo registrados pelos meios de comunicação. Em periódicos, preponderou uma rejeição e enquanto na imprensa de movimentos sociais e estudantis expressou-se apoio e admiração pelo sentido emancipador da luta pela política pelos guerrilheiros na luta política realizada pelos guerrilheiros em Sierra Maestra.

É importante esclarecer que Cuba é uma ilha localizada no Caribe, que foi colônia da Espanha durante quatro séculos sofrendo uma exploração econômica baseada no cultivo da cana-de-açúcar, do tabaco e sustentada pela mão-de-obra escrava africana. A compreensão da Revolução Cubana torna necessário compreender o processo que resultou na conquista tardia da independência de, apenas em 1898, e a maneira como os Estados Unidos atuaram nesse processo e conquistaram uma posição de domínio e controle político e econômico sobre a ilha logo após a consolidação da ruptura com a Espanha.



Mapa da América Central e Caribe

Fonte: Guia Geográfico

Ayerbe (2004) explica que Cuba foi a última colônia da América Latina a libertar-se da Espanha, tornando-se independente em 1898, após duas guerras de independência. Esse desfecho, que culminou na independência política em relação à Espanha, incluiu um acordo entre os Estados Unidos e a Espanha, chamado de Tratado de Paris, porque foi assinado na capital da França. O acordo retirou dos espanhóis o domínio de Cuba, Porto Rico, a ilha de Guam (atuais ilhas Marianas) e o arquipélago filipino.

Todavia, a independência não ocorreu de maneira efetiva. Em 1902, foi aprovada a Emenda Platt que persistiu até meados de 1934. Essa emenda autorizava os Estados Unidos a intervir em políticas internas e externas de Cuba, proibia o governo cubano de assumir dívida pública tornando o país em uma espécie de protetorado dos Estados Unidos. Segundo Ayerbe:

As características monopólicas da economia norte-americana se manifestam também na estrutura da propriedade cubana, levando a um processo de concentração no controle de terras, centrais açucareiras e engenhos, ao qual se subordina uma crescente maioria de “colonos”, composta por pequenos agricultores e trabalhadores rurais. (AYERBE, 2004, p.22).

O sociólogo Florestan Fernandes (2007) considerou que a dominação que Cuba sofrera dos EUA não passava de um novo colonialismo em que os principais interesses estavam relacionados a aspectos econômicos, culturais e políticos. O autor ressaltou que a situação neocolonial de Cuba ampliou a dependência econômica do país em relação ao mercado externo, intensificou a concentração da riqueza na Ilha e aprofundou a desigualdade social.

Na transição da colonização espanhola para o controle estadunidense, há um debate sobre o “processo de independência” também denominado como novo colonialismo. Houve intervenções militares externas constantes e tratados comerciais desequilibrados que revelavam uma pesada herança colonial em pleno século XX. Entre 1902 e 1958, o controle dos Estados Unidos sobre a economia cubana talvez tenha sido um dos casos mais inquestionáveis do neocolonialismo da história latino-americana (Vasconcelos, 2016, p.109.).

A Revolução Cubana, aconteceu durante o segundo mandato de Fulgêncio Batista na presidência, iniciado após um golpe de Estado de 1952, que recebeu apoio dos Estados Unidos.<sup>2</sup> Na primeira vez Batista lutou contra a ditadura de Machado para a desintegração da ordem neocolonial. (Ayerbe, 2004, p.28) O cientista político Moniz Bandeira (2009) assinala que os opositores do regime de Batista sofriam diversos tipos de violências, sendo constante a tortura, castração de vítimas, incêndio de corpos, muitos sendo jogados no mar ou enterrados como indigentes para que não fossem identificados.

Não obstante, um advogado cubano chamado Fidel Castro já percebera naquele contexto que a qualquer momento ocorreria um conflito com os Estados Unidos e buscou apoio de países latino-americanos para que a revolução atingisse um caráter internacional.

Contudo, o propósito de Castro de fomentar a luta armada contra as ditaduras remanescentes na região, alastrando a revolução a outros países, alarmou a administração norte-americana, ao perceber na sua política, que gerava um “estado de Guerra Fria” na América Central e no Caribe, grave ameaça à estabilidade da região, onde os Estados Unidos, além de enormes interesses econômicos, possuíam concessões militares, tais como quartéis, bases aéreas de treinamento, centros de pesquisa e estações para acompanhamento de foguetes, consideradas necessárias à defesa e segurança do Hemisfério (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 204).

---

<sup>2</sup> Na primeira vez, sua figura veio associada à luta oposicionista contra a ditadura de Machado, que governou o país entre 1925 e 1933, e foi catalisadora de um rico processo de organização política da sociedade cubana. (AYERBE, 2004, p.27).

Em 1953, Castro organizou uma frente revolucionária e tentou derrubar Batista com o movimento que ficou conhecido como assalto ao quartel-general de Moncada, na cidade de Santiago de Cuba. O movimento fracassou, Fidel Castro e seu irmão, Raul Castro, foram presos em 1955. Pouco tempo depois, os irmãos Castro foram absolvidos e exilaram-se no México onde fundaram um grupo de guerrilheiros que chamaram de Movimento 26 de julho (M – 26/07), data do assalto ao quartel Moncada, indicando que pretendiam voltar à Cuba para tentar novamente derrubar Batista.

Posteriormente, em 1956, partiram do exílio no México para Cuba com objetivo de tomar o poder, porém, vários guerrilheiros foram mortos nos conflitos iniciais. De 1956 a 1958 formaram os focos guerrilheiros e realizaram várias tentativas de ataques a instalações militares de Cuba, roubando armamento e incorporando colaboradores. Segundo Moniz Bandeira (2009), após Fidel Castro derrotar o exército de Batista em 1958, se destacou em organizações favoráveis a guerrilha.

Em junho de 1957, o grupo guerrilheiro se divide em três colunas, sob o comando de Fidel Castro, Raul Castro e Ernesto “Che” Guevara, nacionalidade argentina, que havia se incorporado ao grupo original que saiu do México na qualidade de médico, mas que, no decorrer das ações, tornou-se um dos combatentes mais destacados, obtendo a confiança do líder do movimento. (AYERBE, 2004, p.35).

Em 31 de dezembro de 1958, houve a batalha <sup>3</sup>derradeira entre soldados de Batista e o grupo de guerrilheiros liderados por Fidel Castro. Estes venceram. Em 1959, Fulgêncio Batista fugiu para a República Dominicana e o grupo de Castro marchou sobre a capital consolidando a vitória e consolidando a Revolução Cubana.

Inicialmente, a Revolução não professava o socialismo, embora tivesse no horizonte realizar mudanças próprias desse sistema político como por exemplo uma ampla reforma agrária. Como aponta o historiador Michael Lowy: “A evolução da Revolução Cubana para revolução socialista ocorreu em outubro de 1960, mas só em abril

---

<sup>3</sup> As operações de guerrilha espalharam-se, como metástase, e as colunas do Exército Rebelde, ocupando várias cidades em Las Villas, cercaram Santa Clara, sob o comando de Che Guevara e Camilo Cienfuegos, enquanto Fidel Castro, à frente da Coluna nº 1 (José Martí), avançava contra Santiago, capital da Província de Oriente. Cuba fora cortada em dois pelas forças de Che Guevara. (MONIZ BANDEIRA, 2009, p.182).

de 1961 reconheceu-se explicitamente e se proclamou abertamente este “salto qualitativo” do processo revolucionário” (Löwy, 2016, p.287).

Ainda em 1959, além da Reforma Agrária, outras medidas foram propostas como a nacionalização do capital estrangeiro e monopolização estatal do comércio exterior. Medidas que ocasionaram mais embates com os Estados Unidos devido a seus interesses nas companhias exploradoras da cana-de-açúcar.

[..] a Lei de Reforma Agrária, tanto na política interna quanto nas relações exteriores de Cuba, constituiu o *turning point*<sup>4</sup> a partir do qual o retorno não mais seria possível para o governo revolucionário de Fidel Castro. Che Guevara considerou que sua aplicação forneceria a base para a industrialização, diversificação do comércio exterior do país e elevação do nível de vida do povo, “para alcançar este gran objetivo estratégico que es la liberación de la economía nacional” (MONIZ BANDEIRA, 2009, p.211).

Nesse contexto, o então presidente dos Estados Unidos, Dwight D. Eisenhower, já havia tentado medidas intervencionistas em Cuba e embargos econômicos relacionados principalmente ao petróleo e ao açúcar. Segundo Moniz Bandeira (2009), a questão do açúcar aparenta ser uma subordinação econômica, pois os Estados Unidos não tinham interesse em alterar tanto o mercado interno como externo de Cuba. Dessa maneira, tendo em vista o cenário estabelecido pela Guerra Fria, a União Soviética disponibilizou-se para comprar a cota de açúcar dos norte-americanos, como também ofereceu a Cuba armas nucleares. Nesse quadro, em 1960, a Texas Company (Texaco), Standard Oil (Esso), e Anglo-Dutch (Shell) deixaram de refinar petróleo abastecido pela União Soviética.

As importações oriundas dos Estados Unidos eram também elevadas e, no mesmo período, representaram 66,8% (1955), 68,3% (1956), 64,6% (1957) e 59,3% (1958). Assim, portanto, a economia de Cuba subordinava-se de tal sorte ao mercado norte-americano que desapareceria, reduzindo-se a zero e mesmo, se possível, a menos que zero, a renda per capita do seu povo, da ordem de US\$ 402 àquela época, se as exportações para os Estados Unidos cessassem inteiramente, sem compensações em outras áreas” (MONIZ BANDEIRA, 2009, p.238).

Além disso, Moniz Bandeira (2009) salienta que algumas medidas foram tomadas pelo governo cubano com intuito de nacionalizar todas as posses norte-americanas. A partir de julho de 1960 começaram as nacionalizações de usinas de açúcar, refinarias de

---

<sup>4</sup> *Turning point* significa um momento decisivo, ou seja, que algo importante começa a mudar.

petróleo, companhias de energia elétrica, bancos e até aprovações de leis<sup>5</sup> que tinham o propósito de permitir que o governo pudesse interferir em propriedades americanas que estavam em solo cubano. Todavia, o governo estadunidense reagiu a tais medidas e removeu importantes usinas de açúcar do país e impediu exportações de produtos, deixando apenas mercadorias de subsistência para Cuba.

Com efeito, a radical estatização da economia destruiu a presença dos Estados Unidos em Cuba e eliminou praticamente os suportes internos da contrarrevolução. E esta rápida transferência da propriedade privada para o controle do Estado arruinou o sistema capitalista e erodiu os mecanismos automáticos do mercado, com o que a lei da oferta e da demanda deixou de determinar, em parte, a produção e a distribuição de bens e serviços ((MONIZ BANDEIRA, 2009, p.251).

Em 1961, John F. Kennedy, recém-eleito presidente dos Estados Unidos (1961-1963), ampliou medidas da administração anterior. Kennedy implementou a Aliança para o Progresso (Alpro)<sup>6</sup> com intuito de evitar mobilizações na América Latina inspiradas pela Revolução Cubana. Além disso, aprovou a operação militar contra o regime vigente de Cuba, aprimorou medidas com o serviço de inteligência, em que se destacou a CIA que recrutou indivíduos da Guatemala e exilados cubanos com a finalidade de invadir a ilha e tentar matar o líder revolucionário, Fidel Castro. No entanto, o governo revolucionário conteve as tentativas de invasão eliminando focos de conspiração contra a Revolução.

A abordagem intervencionista da administração Eisenhower, que priorizava ganhos de curto prazo, limitando as possibilidades de resolução das crises internacionais a uma opção entre extremos, sofre mudanças com a eleição de Kennedy e a volta do Partido Democrata ao poder. Os Estados Unidos passam a apostar no esvaziamento das alternativas não capitalistas ou nacionalistas antinorte-americanas pelo estabelecimento de um consenso majoritário em favor das vantagens oferecidas pelo alinhamento com o “mundo livre”. (AYERBE, 2004 p.46).

Diante disso em 1961, houve um estreitamento das relações dentre Cuba e a URSS a resultou no acordo que estabeleceu a venda da cota de açúcar e petróleo para os soviéticos. De acordo com Moniz Bandeira (2009), apenas propósitos políticos

---

5 Segundo Moniz Bandeira, foram as “[...]leis nº 890 e 891, que autorizaram o governo revolucionário a expropriar empresas açucareiras, destilarias, fábricas de bebida, e todos os demais setores industriais, bem como a nacionalização do sistema bancário (MONIZ BANDEIRA, 1998, p.250).

convenciam a União Soviética a fazer acordos econômicos com Cuba, pois os russos não precisavam importar essa matéria prima (Moniz Bandeira, 2009, p.232).

No mesmo ano, em abril, o presidente estadunidense John Kennedy pôs em prática um plano de invadir Cuba. No dia 15, aviões norte-americanos bombardearam quartéis e aeroportos cubanos, decorrente disso, no dia seguinte, Fidel Castro declarou Cuba como país socialista. Ademais, houve uma tentativa de invasão, no dia 17 do mesmo mês, na Baía dos Porcos, localizada na Província de Las Villas. Os invasores foram cubanos exilados na Flórida e deu-se sob o comando das forças norte-americanas. O governo cubano derrotou essa tentativa de invasão. Segundo Ayerbe, o desfecho da Baía dos Porcos intensificou as tentativas de boicotes dos Estados Unidos ao regime cubano. Segundo o autor:

No âmbito interno da administração Kennedy, começa a discutir-se a adoção de medidas mais eficazes contra o governo de Fidel Castro, cujo resultado é a implementação, no final de 1961, da Operação Mangusto, que contempla um programa de ações clandestinas de sabotagem, guerra econômica e atentados contra autoridades (AYERBE, 2004, p.49).

Por conseguinte, em 1962, os Estados Unidos impediram importações de produtos cubanos. Com isso, Cuba tentou adequar suas políticas econômicas e ampliou relações com a União Soviética com objetivo de reorganizar a política interna e romper o isolamento implantado pelos norte-americanos. Contudo, o ministro responsável por tais medidas, Ernesto “Che” Guevara, traçou algumas metas para reerguer a economia interna cubana como melhorias sociais e diminuição de dependência de produtos importados.

A estabilização da frente política interna e o processo de estreitamento de laços comerciais com a União Soviética consolidam um marco de estabilidade mais favorável ao aprofundamento da revolução, primeiro objetivo estratégico da atuação de Guevara (AYERBE, 2004, p.66).

Vasconcelos (2016) assinala que com o crescente bloqueio econômico dos Estados Unidos e a política de isolamento proposta por Kennedy foi uma das grandes adversidades no avanço da economia socialista. A autora acentua que a dependência de Cuba em diversos setores trouxe graves consequências para a superação da condição neocolonial, principalmente no âmbito da questão agrária já que havia uma grande dependência

tecnológica e o bloqueio norte-americano acabou fazendo com que Cuba pudesse alargar mais sua dependência para conseguir artigos tecnológicos em outros países.

[...] o bloqueio prejudicou diversos outros aspectos da vida na ilha: dificultou a assistência logística e médica emergencial durante catástrofes naturais (como no ciclone Flora), impediu a entrada de medicamentos e equipamentos de saúde, separou famílias, obstruiu a entrada de dólares, além de gerar um amplo isolamento econômico que limitou a diversificação dos destinos comerciais, inclusive entre Cuba e seus próprios vizinhos (VASCONCELOS, 2016, p.117).

Apesar disso, Fernandes (2007) ressaltou como o socialismo em Cuba permitiu aos cubanos desfrutarem de melhorias econômicas, culturais, políticas, sociais e militares. Segundo o autor:

[...] Graças ao socialismo, apenas em 20 anos, Cuba: 1. Livrou-se da condição de “nação-problema”, que levava ao beco sem saída em que se encontrava; 2. Realizou uma reforma agrária que se inscreve na história das grandes realizações que ocorreram na América Latina no século 20; 3. Retirou a maioria da sua população, os setores mais pobres dos proletários rurais e urbanos, da situação crônica de condenados da terra, assegurando-lhes meios permanentes de trabalho, um padrão sóbrio, mas decente de vida, e a possibilidade de viver como gente; 4. Suplantou um dos mais terríveis cercos capitalistas e deixou definitivamente para trás o complexo colonial e a complacência da burguesia compradora, [...]; elevou-se pelos êxitos relativos, a condição de um experimento ideal entre países socialistas, pois demonstra o que é preciso fazer para engendrar e, depois, estabilizar a transição socialista em condições econômicas francamente adversas e o que falta a solidariedade socialista para tornar-se uma força revolucionária efetiva no plano internacional (FERNANDES, 2007, p.149).

Com isso, em relação a economia cubana, entre 1959 e 1965, o guerrilheiro “Che” Guevara ficou responsável por alavancar a economia da revolução. Segundo Ayerbe as estratégias traçadas por ele foram: a estabilização da frente política interna, a busca incessante por redução de sujeição de produtos importados, diferenciação em produção agrícola e as melhorias sociais, como emprego, alimentação, sendo essas metas traçadas inicialmente (Ayerbe, 2004, p.64).

Ayerbe resalta que o plano na variação de produtos agrícolas frustrou pois, impactou na produção açucareira, porém em relação a outros aspectos, possibilitou que as camadas mais baixas pudessem consumir outros itens (Ayerbe, 2004, p.68). Também houve aumento de indivíduos alfabetizados já que o ensino se tornou acessível para todos e entre outros. Já Moniz Bandeira pontua:

Na primeira etapa, a meta não era criar indústrias de exportação, mas substitutivos de importações, devendo Cuba, mesmo sem possuir jazidas de ferro, obter financiamento da União Soviética para aumentar sua produção de aço, da ordem de 70.000 toneladas em 1959, para 350.000 e, em fases sucessivas, para 500.000 e 1.500.000 toneladas, dentro de alguns anos. Guevara entendia que, sem uma poderosa indústria siderúrgica, não seria possível a emancipação econômica e chegou a predizer que, dentro de 10 anos, Cuba figuraria entre os 10 maiores produtores de aço da América Latina. Seu projeto visava a capacitá-la com uma indústria pesada para que pudesse desenvolver, além da produção de açúcar, outras indústrias, como níquel, construção naval, automotriz e têxtil (MONIZ BANDEIRA,2009, p.306).

Nesse sentido, Fernandes (2007) ressaltou que a reforma agrária foi um ponto principal para os guerrilheiros que com sua aprovação em 17 de maio de 1959, desligava Cuba das relações neocoloniais, investindo cada vez mais em seu plano socioeconômico. Além disso, a questão agrícola foi o suporte do socialismo que conseqüentemente o governo teve que enfrentar tanto os aspectos econômicos como a característica socialista da revolução.

[...] a lei de 17 de maio de 1959 deu a importância ao incentivo do desenvolvimento econômico (mediante a diferenciação e aumento da produção agrícola, a elevação do consumo através de aumento progressivo do nível de vida, o crescimento do mercado interno e a criação de indústrias) e a erradicação da miséria (mediante o combate ao latifúndio, a distribuição de terras, o aumento da oferta de trabalho, assistência econômica, técnica, educacional, sanitária etc.) [...] (FERNANDES,2007, p.176).

Segundo Fernandes (2007), o governo cubano tinha a missão de fazer uma política centralizada, impulsionar uma consciência de transformação em que pudesse existir um planejamento como técnica social e alicerce para a revolução. O autor também destaca que o governo revolucionário enfrentou alguns embates para conquistar o apoio da maioria da sociedade cubana. (Fernandes, 2007, p.174).

De acordo com Moniz Bandeira (2009), Guevara e Castro tentaram exportar a Revolução para diversos países da América como também tinham o intuito de amenizar as pressões que Cuba sofrera dos norte-americanos. O objetivo desses expoentes do processo revolucionário era difundir a crítica da dependência da América Latina em relação aos Estados Unidos. O autor refere-se ainda aos países que foram influenciados pela Revolução Cubana: a Venezuela (havendo uma forte liderança da esquerda), Argentina, Colômbia (sofrera grande influência em pequenos grupos revolucionários),

Brasil (em que o governo revolucionário apoiou organizações camponesas, enfatizando o Nordeste que sofrera bastante com a extrema pobreza). Ou seja: “a Revolução Cubana contava com ampla simpatia da América Latina e teve condições de influir sobre as mais diversas tendências de esquerda nacionalistas, anti-imperialistas ou meramente anti-Estados Unidos” (Moniz Bandeira, 2009, p.310).

Moniz Bandeira (2009) frisa que os países latino-americanos possibilitavam a internalização de ideais nacionalistas e socialistas decorrente do seu subdesenvolvimento, porém alguns caminhos traçados pela revolução colidiam com a política externa dos Estados Unidos, fazendo com que ele tomasse algumas atitudes como reformas capitalistas. Como consequência de grandes países da América apoiarem o governo revolucionário, destacando o Brasil que sofreu grande impulso das forças militares que interferiram na política interna ocasionando golpes de Estado tanto no Brasil e posteriormente em outros países como Equador e Argentina.

[...]O propósito de fomentar reformas capitalistas antes que revoluções populares ocorressem, tal como Schlesinger expressara na sua apreciação sobre os países da América Latina, constituía aparentemente a essência da Aliança para o Progresso, que, [...] apresentava uma feição mais assistencialista, preocupando-se menos com o apoio ao desenvolvimento das forças produtivas do que com a melhoria das condições de vida da população: habitação, higiene, saneamento básico etc. E, se visava, de um lado, a encorajar reformas econômicas, pretendia, por outro, criar condições para seduzir os Estados latino-americanos e obter o apoio da OEA a uma ação coletiva contra o regime de Fidel Castro (MONIZ BANDEIRA,2009, p.314).

Na conjuntura da Guerra Fria o mundo globalizado estava dividido entre capitalistas (controlados pelo EUA) e os comunistas (sob influência da URSS), potências que possuíam um poderio militar muito forte. Nesse contexto, em 1962 e com ampliação das relações entre Cuba e União Soviética no aspecto militar, mísseis soviéticos foram implantados em solo cubano com intuito de nivelar com os Estados Unidos que implantara mísseis na Turquia.

Tal situação levou o governo norte-americano a estabelecer um bloqueio naval a Cuba. Consequente, Krushev e Kennedy entraram em acordo, tirando os mísseis introduzidos em Cuba e na Turquia respectivamente. Esse evento, chamado de crise dos mísseis, foi o período em que o mundo esteve bem perto de um conflito nuclear, sendo considerado um dos momentos mais apreensivos da Guerra Fria.

Por último, cabe destacar que em 1963 o vínculo entre Cuba e União Soviética manteve-se estável, porém, em 1964, Guevara teve que conter a industrialização em consequência ao saldo negativo com a União Soviética e iniciaram-se relações conflituosas entre Che Guevara e os partidos comunistas na América Latina (Moniz Bandeira, 2009, p.507).

## 2. Neiva Moreira e *O Jornal do Povo*

No século XX, os países latino-americanos passaram por diferentes crises relacionadas com a questão agrária, dependência econômica externa, autoritarismo político e golpes militares, entre outras. Mas no que se refere a repercussão da Revolução Cubana no Brasil e em outros países da América Latina, houve um amplo impacto tanto positivo como negativo nos meios de comunicação. Em alguns periódicos houve uma rejeição e já no movimento estudantil existiu um apreço. (Moreira,19, p.64)

Dando ênfase no Brasil, os meios de comunicação foram importantes no desempenho como fonte de pesquisa para entender a historiografia sobre a Revolução Cubana. Em alguns jornais os guerrilheiros foram exaltados como a esperança de uma democracia latino-americana. Nesse sentido, o impacto dos acontecimentos internacionais relacionados a Cuba nos periódicos brasileiros se faz objeto de compreensão de toda questão política, como os acontecimentos podem ter uma ampla repercussão social e ideológica. Wasserman também afirma que:

O impacto da Revolução Cubana nos países latino-americanos evidenciou-se em todos os aspectos dessas sociedades. Todos os espectros políticos foram atingidos pela Revolução, desde a extrema direita, até setores esquerdistas mais radicais; a economia latino-americana foi afetada; as relações externas passaram a enfrentar grandes desafios; houve alteração na vida cotidiana com a introdução de novos vocábulos, adotados pela população sem muita crítica, como, por exemplo, a expressão “cubanizar”, ou a introdução de uma nova bebida no cardápio da juventude boêmia, a “Cuba Libre”, mistura de rum com coca-cola. Tanto os autores que trataram do tema da Revolução Cubana como nos depoimentos pessoais sobre a época, existe um consenso em afirmar o alcance impressionante de seu impacto[...] (WASSERMAN,2007, p. 64)

Assim como houve debates intelectuais, políticos e principalmente dentro das elites brasileiras que tinham receio que se tornassem mais extremo, mas também existiram setores populares que acreditavam que o modelo revolucionário que acontecera em Cuba deveria ser seguido. No Maranhão, o periódico chamado *Jornal do Povo* ganhou espaço com seus debates sobre a Revolução Cubana, a Guerra Fria e América Latina.

O fundador do jornal, José Guimaraes Neiva Moreira (1917-2012) natural de Nova Iorque pequena cidade localizada no interior do Maranhão. Em meados da década

de 1930, mudou-se para a cidade de São Luís com desejo de buscar mais oportunidades na carreira de jornalista (Buzar,1997, p.11).

Com ajuda de Constâncio Carvalho e Nascimento de Moraes, Neiva Moreira conseguiu firmar-se na ilha de São Luís e trabalhar no jornal *O Pacotilha* onde iniciou sua carreira e recebeu convites de outros jornais. Para continuar seus estudos matriculou-se no Liceu Maranhense onde se interessou em participar de debates sobre temas políticos.

Destacou-se com seu desempenho no periódico *O Pacotilha*, mas em 1942, viajou para o Rio de Janeiro com intuito de ampliar suas experiências no âmbito da imprensa e melhorar de vida, já que no Maranhão os salários eram baixos.<sup>7</sup>

No Rio de Janeiro, Neiva Moreira passou pelo Diário de Notícias desempenhando um aprendizado como repórter sem ligação trabalhista e fez carreira nos Diários Associados trabalhando nos seguintes lugares: *Diário da Noite*, *O jornal*, *O Cruzeiro*, uma revista com grande circulação nacional em fazia parte da equipe de redação, na mesma revista transformou-se em repórter internacional que fazia cobertura sobre acontecimentos relacionados a América Latina.

Também colaborou no jornal nacionalista *O Seminário e Vanguarda* (Moreira,1989, p.37). O Rio de Janeiro foi um local de grandes oportunidades para Neiva Moreira, assim como conheceu pessoas no âmbito da imprensa, maioria de esquerda que de forma direta ou indireta influenciou suas ideias numa perspectiva nacionalista. Sua carreira política se deu com por meio do Partido Social Progressista (PSP), fundado pelo governador de São Paulo Adhemar de Barros e para expandir o seu eleitorado, criou o *Jornal do Povo* na capital maranhense, São Luís com a direção do então deputado José Neiva de Sousa e a redação de Neiva Moreira (Buzar,1997, p.15)

## 2.1 O Jornal do Povo

---

7 Motivado pela crise econômica que afetou os jornais maranhenses no contexto da Segunda Guerra Mundial, em 1942, Neiva Moreira mudou-se para o Rio de Janeiro para dar continuidade e aprimorar sua carreira como jornalista. Na entrevista concedida a José Loureiro destacou a importância de sua atuação profissional nos seguintes jornais cariocas: Diário de Notícias, Diário da Noite, O Jornal, O Cruzeiro e Vanguarda. Os quatro últimos faziam parte dos Diários Associados dirigidos por Assis Chateaubriand. (MOREIRA, 1989, p.32-35).

No Maranhão no mesmo ano da criação do jornal, observou-se uma grande disputa política, período este identificado como mandonismo<sup>8</sup> ainda herdado pela República Velha que também influenciava na questão econômica maranhense. Nesse contexto, destaca-se a figura de Vitorino de Brito Freire<sup>9</sup> que era oposição do Jornal do Povo - meio de comunicação que relatava o autoritarismo e defendia as classes mais pobres, principalmente no Maranhão que sofria com políticas de corrupção.

Em linhas gerais, o *Jornal do Povo* estava relacionado a entidades operárias e estudantis, em que Neiva Moreira denunciara os aspectos socioeconômicos e reafirmava a necessidade de reformas que atendessem os interesses nacionais e populares. Já o Bandeira Tribuzzi (diretor substituto) apoiava uma formação de frente popular progressista que conseguisse reformas definidoras da revolução brasileira. Segundo Corrêa “Foi a trincheira da resistência, onde foram defendidas a autodeterminação de Cuba, a liberdade de organização operário-camponesa e as perspectivas da revolução brasileira. (Corrêa, 2017, p.355).

Na década de 1950 o sistema partidário estava em posse de proprietários de terra que dominavam o setor rural e as cidades interioranas. Além disso, a política maranhense estava marcada por fraudes eleitorais, situados tanto no governo como na oposição e nesse período o Partido Social Democrático (PSD), qual o Vitorino Freire era filiado, tomou controle da máquina estatal, elegendo seus candidatos e manipulando processos eleitorais (Pinto, 1982, p.17).

A partir dessa conjuntura político e social é criado o *Jornal do Povo*<sup>10</sup> dirigido por Neiva Moreira, atribuindo-lhe uma linha editorial crítica ao coronelismo de Vitorino

---

<sup>8</sup>[...] A disputa política resumia-se numa luta pela conquista do poder, que assegurava ao grupo que o detivesse ou conquistasse uma posição hegemônica propícia à defesa dos interesses identificados com esse grupo[...] (PINTO, 1982, p.14)

<sup>9</sup> Vitorino Freire, natural de Pernambuco, chegara ao Maranhão como Secretário de um Tenente-Interventor, o Capitão Martins de Almeida, em 1932. Soluciona uma greve da Associação Comercial contra o Interventor, mandando espancar pessoas envolvidas, fato que gerou uma crise política de grandes proporções[...]. Em 1945, foi eleito Deputado Federal e em 1947 candidata-se ao Senado, elegendo-se também. Vitorino não pleiteava cargos estaduais, reivindicava para si a mediação entre o Governo do Maranhão e o Governo Central, desenvolvendo uma política de estilo coronelista. ((PINTO, 1982, p.15)

<sup>10</sup> O Jornal do Povo, instalado em São Luís em 29 de abril de 1949, com recursos do governador de São Paulo, Adhemar de Barros, para dar suporte ao Partido Social Progressista, pelo qual pretendia chegar à presidência da República, teve, anos depois, em outubro de 1952, seu controle acionário transferido para a Empresa Gráfica Jornal do Povo S.A., cuja maioria das ações pertencia ao deputado Neiva Moreira (BUZAR, 1997, p. 7).

Freire<sup>11</sup> e, apresentado, apresentou o periódico como resistência a qualquer tipo de opressão social.<sup>12</sup> Em 1952, Moreira comprou o *Jornal do povo*, tendo Euclides como diretor administrativo e Reginaldo Teles chefe, de redação, entre outros.<sup>13</sup> Então, José Ribamar Ferreira Júnior (1998), em seu livro *A arena da palavra*, expõe que o *Jornal do Povo* era dirigido pelo deputado Neiva Moreira, filiado ao Partido Social Progressista (PSP), e custeado por Adhemar de Barros.<sup>14</sup>

Conduzido pelos pessepistas do Maranhão tendo à frente o deputado Neiva Moreira, jamais dava trégua ao *vitorinismo*, assim como não deixava de criticar os atos do governador Newton Belo. A UDN maranhense encontrava abrigo nas suas páginas. Era o mais influente diário oposicionista do Estado. (FERREIRA JÚNIOR, 1998, p. 47).

*O jornal do Povo* ganhou destaque na sociedade maranhense pois difundiu informações que orientaram a formação de opiniões sobre os principais acontecimentos políticos, sociais, econômicos e culturais da época. Buzar destaca a receptividade para os maranhenses:

[...] Pela veemência de seus artigos e de suas matérias, em pouco tem o *Jornal do Povo* conquistava recordes de vendagem, transformava o PSP no maior partido oposicionista, dava popularidade a Adhemar de Barros em São Luís e fazia de Neiva Moreira o símbolo de resistência aos governistas, sobretudo depois de sua prisão pela Polícia Militar, no episódio em que o deputado José

---

11 O político pernambucano Vitorino Freire, filiado ao PSD, tornou-se liderança política de destaque no Maranhão após o processo de redemocratização do Brasil iniciado em 1946. Seu grupo político, conhecido como vitorinista, dominou a cena política maranhense até 1965, quando foi eleito governador do Maranhão o candidato de oposição José Sarney, da UDN. O vitorinismo representou uma das formas de mandonismo político que teve no coronelismo uma de suas modalidades de manifestação (FERREIRA JÚNIOR, 1998, p. 27).

12 A legenda do PSP oferecia alguns atrativos. Não tinha tradição no Estado, era pouco conhecida, e por isso mesmo, não encontrava resistências na Oposição. Liderada pelo Dr. Adhemar de Barros, acrescentava a nossa luta alguns elementos de poder. Envolvia, em certa medida, o governo de São Paulo na turbulência maranhense e procurava dinamizar o apoio do governador, que já demonstrara não ter simpatia por Vitorino Freire (MOREIRA, 1989p.42).

13 Dentre os inúmeros colaboradores do *Jornal do Povo*, Neiva Moreira destacou: Lago Burnett (chargista), Amorim Parga, Ferreira Gullar, Walbert Pinheiro, Celso Bastos, José Sarney, Clodomir Milflet, Henrique de La Rocque, Odylo Costa Filho, Cid Carvalho, Joaquim Mochel, Paulo Nascimento Moraes, Sebastião Bandeira, Helena Barros, o arcebispo dom José Delgado, o bispo-auxiliar dom Antônio Frago, Antônio Justo, o padre Constantino Vieira, o padre Clodomir Brandt, Franklin de Oliveira, José Mario dos Santos, Villela de Abreu, Erasmo Dias, Casemiro Carvalho, Heider Paz, Mata Roma, Fernando Viana, o poeta Bandeira Tribuzi, João Silva, Geraldo Moreira, Vera Cruz Marques (MOREIRA, 1989, p. 108).

14 Adhemar de Barros desenvolveu sua carreira política em São Paulo. Em 1938, foi nomeado interventor por Getúlio Vargas e, posteriormente, foi eleito governador de São Paulo em dois momentos, 1947-1951 e 1963-1966. Comprovadamente envolvido em esquemas de corrupção, atribui-se a Adhemar de Barros o slogan “rouba, mas faz”. (COSTA, 2008,).

Ribamar Viana Pereira, dissidente do PSD, alcançou a presidência da Assembléia Legislativa (BUZAR, 1997, p. 15).

Segundo Correa (2017), Moreira confiava na comunicação de partidos políticos com os setores militares e afirmava “Marcham juntos, pois, o exército e o povo, em perfeita e admirável unidade de vistas”. No que tange a participação popular dos maranhenses, houve uma manifestação dirigida por Bandeira Tribuzzi, da constituição do Comitê Estadual da Frente da Mobilização Popular. Essa frente tinha um dos objetivos a reivindicação reformista e nacionalista, unificando os setores populares para que estes fossem agentes da própria história.

No mesmo ano da criação do matutino, Neiva Moreira foi eleito deputado estadual e em 1954, 1958 e 1962, deputado federal. Em 1964 foi preso pelos militares após o golpe que se instaurou no Brasil. Seus direitos políticos foram cassados e o *Jornal do Povo* extinto. Exilou-se em vários países da América Latina que também sofreram na mesma época regimes autoritários como por exemplo Bolívia, Peru, Chile, Uruguai e Argentina. (Moreira, 1989, p.112).

Como afirma Raimundo Palhano (2017), o exílio durou cerca de quinze anos no qual Moreira protagonizou ações jornalísticas e políticas confrontando imperialismo e neocolonialismo e a exclusão dos países sul frente ao norte dominador. Mesmo exilado o jornalista não deixou de exercer os seus princípios, lutando em diversas formas. Junto com seu amigo Leonel Brizola, resistiu a diversos golpes políticos e criou a revista cadernos do Terceiro Mundo que tinha o intuito de lutar contra injustiças sociais (Almada, 2017, p.82).

Retornando do exílio, em 1979, elegeu-se deputado federal em 1990, exercendo mais de quatro mandatos pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT). Em 2004, renunciou ao mandato para ocupar o cargo de assessor do governador do Maranhão, Jackson Lago.

Anos mais tarde, o governador do estado sofrera um golpe judicial tendo seu mandato cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral. Relatos ressaltam que tal episódio desestruturou Neiva Moreira que, já com sua saúde fragilizada, faleceu em maio de 2012, aos seus 94 anos. Neiva Moreira deixou obras como: *Brasilia, Hora Zero; Modelo Peruano; O Nasserismo e a Revolução do Terceiro Mundo e Uruguai, Banda Oriental* e o matutino *Jornal do Povo*.

Neiva Moreira demonstrava entusiasmos com o movimento guerrilheiro e ansiava que o Brasil um dia pudesse fazer uma Revolução Cubana ganhou espaço a partir de distintos aspectos, tais como atos contrarrevolucionários desencadeados contra o governo de Fidel Castro, a relação de Cuba Revolucionária com diversos países latino-americanos; as viagens feitas por Fidel Castro pelo mundo, as relações entre Cuba e a China; a implementação da política socialista em suas dimensões políticas e sociais no país, as tensões e divergências com os Estados Unidos, a relação com a União Soviética e entre outros. Podemos observar abaixo o levantamento feito no gráfico com as temáticas e a tabela com quantitativo por ano sobre a Revolução Cubana:

Cabe destacar que os títulos e subtítulos de um jornal de certa forma expressam sua pretensão e o projeto editorial. O *Jornal do Povo* seguido do subtítulo *Contra Opressão e Injustiça social* refletem as concepções sociopolíticas adotadas no periódico que defendiam Cuba na decisão de seus próprios rumos políticos e econômicos. Sobre o público leitor, segundo José Ribamar Ferreira Júnior (1998), os periódicos maranhenses da década de 1960 eram consumidos por uma pequena burguesia comercial e as classes médias (Ferreira Junior, J. R. 1998, p.46).

Dessa maneira, quando o diretor fala sobre o aspecto mais técnico do jornal, é apresentado alguns pontos do *Jornal do Povo* como sua diagramação, como as matérias em destaque estavam estampadas na primeira página e na última com fotos. Nos editoriais tinham um enfoque político principalmente da classe trabalhadora. [...] A imprensa maranhense vive de bater palmas a reação. Por isso que o *Jornal do Povo* empolga os leitores. Neiva está certo.” (MOREIRA, 1989, p.111)

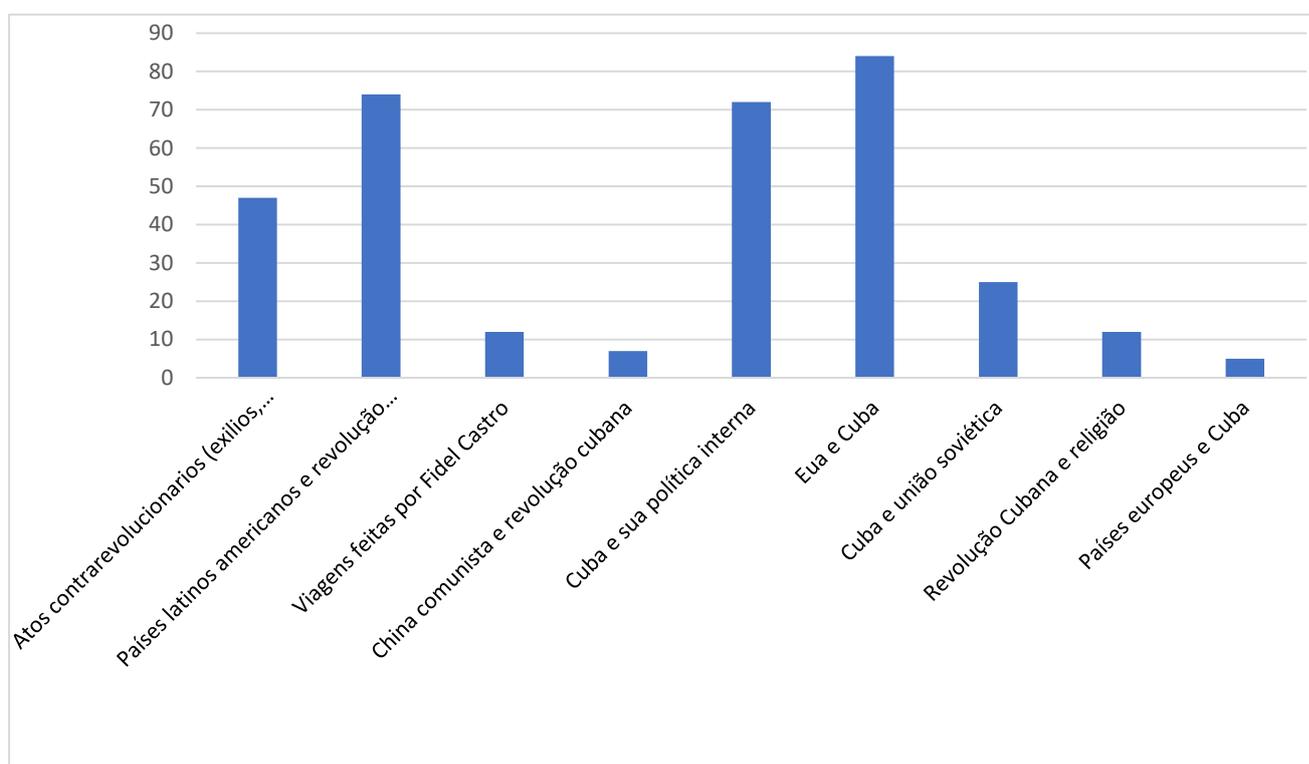
Deve-se levar em conta que a taxa de analfabetismo ainda era significativa na região<sup>15</sup>. As poucas notícias nacionais e internacionais publicadas eram buscadas em programas de rádio ou em cabogramas. A circulação da maior parte dos jornais estava situada na capital maranhense, São Luís, nos interiores chegavam em pouca quantidade por conta da condição precária dos meios de transporte e de comunicação.

---

<sup>15</sup> [...] Ainda recorrendo aos dados censuais de 1960, constata-se que, entre seus 1.637.154 habitantes, o Maranhão possuía, entre os demais 15 anos, 848.389 indivíduos que não sabiam ler e escrever, ou seja, o analfabetismo estava estabelecido nessa faixa etária, em 63,78% da população maranhense. (FERREIRA JUNIOR, J. R. 1998, p.25)

Nesse sentido, a imprensa maranhense ainda não conseguia atingir maior parte da sociedade por conta de vários fatores como uma massa populacional urbana dispendo de condições intelectual e financeira para poder adquiri-lo. Mas cabe destacar o convencimento por via oral para aqueles que não tinham acesso. Os periódicos maranhenses como é o caso do *Jornal do Povo* obtinham informações de diversas agências, algumas de nível internacional e nacional entre algumas Meridional, Telepress e da France Press. (PATRIOTA, LG, 2005. P.40).

**Gráfico 1. Notícias mais frequentes sobre a Revolução Cubana no *Jornal do Povo***



Elaborado pela autora (2024)

**Temas detalhados sobre o levantamento das notícias sobre Revolução  
Cubana (1959-1964)**

<b>Temas</b>	<b>Qnt.</b>
<b>Fuzilamentos/prisões</b>	18
<b>Exilados</b>	3
<b>Juscelino Kubitschek e a Revolução</b>	11
<b>Jânio Quadros e a Revolução</b>	15
<b>João Goulart e a revolução</b>	14
<b>Venezuela e a Revolução</b>	6
<b>Argentina e a Revolução</b>	2
<b>República Dominicana e a Revolução</b>	3
<b>Fulgêncio Batista</b>	6
<b>R.L. Trujillo</b>	3
<b>Ernesto “Che” Guevara</b>	13
<b>União Soviética</b>	17
<b>Cuba e Estados Unidos</b>	53
<b>Fidel Castro e Estados Unidos</b>	9
<b>Cuba e China</b>	4
<b>Cuba e Inglaterra</b>	4
<b>Cuba e Índia</b>	1
<b>Cuba e Guatemala</b>	3
<b>Manuel Urrutia</b>	2
<b>Oswaldo Dórticos</b>	9
<b>Cuba e as Nações Unidas</b>	7
<b>Viagens feitas por Fidel Castro</b>	5
<b>Comunismo e a Revolução Cubana</b>	7

<b>Primeiras ações da Revolução Cubana</b>	121
<b>Religiosidade e a Revolução</b>	10
<b>TOTAL</b>	346

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

**Tabela 2. Notícias de 1959 a 1964 sobre a Revolução Cubana**

<b>1959</b>	<b>63</b>
<b>1960</b>	61
<b>1961</b>	99
<b>1962</b>	80
<b>1963</b>	25
<b>1964</b>	10

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

**Tabela 3. Quantitativo de artigos de opinião**

Artigos de opinião	Qnt.
Neiva Moreira	2
Mauricio de Medeiros	1
Analgesia Nery	1
Mons. Arias Cruz	5
Mário Santos	1
Oswaldo Costa	1
Rabelo Costa	1
Bispo-Auxiliar D. Antonio Fragoso	4
Fidel Castro	2
Rubem Praga	1
Ernesto “Che” Guevara	1
Ferreira Gullar	1
Arrais	1
Raul Pilla	1
Joel Silveira	1
Tristão de Ahaudl	1
Hermano Alves	1
Leonel Brizola	1
Bento Neto	1
Max das Costas	1
Chally Knickerbocker	1
<b>TOTAL</b>	<b>30</b>

Elaborada pela autora (2024)

Portanto, cabe observar como o periódico estava alinhado aos valores que defendia como por exemplo a autodeterminação de Cuba. Nos anos de 1959, 1961, 1962 foram os com quantidades bem significativas de notícias sobre a Revolução Cubana. Respectivamente quando os guerrilheiros chegaram em Havana, Ataque a Baía dos Porcos e a Crise dos Mísseis. Na última tabela, os nomes em destaque são os maiores números de artigo de opinião.

No contexto da tabela e no levantamento de notícias, cabe enfatizar que capa e as primeiras páginas de um jornal servem como vitrine, ou seja, o diretor e os seus colaboradores queriam focalizar o movimento guerrilheiro que perpassava na América Latina. Isso demonstra a relevância dada pela equipe do jornal. As autoras pontuam sobre a equipe dos jornais que “proprietários, diretores, redatores e colaboradores indicam a constituição dos grupos produtores, enquanto força social que orienta e propõe o projeto político do periódico” (Cruz e Peixoto, 2007, p.11). Nesse sentido, os periódicos atuam como memória social e estão atrelados ao campo das lutas sociais, movimentos políticos, culturais e de intelectuais. Por esse ângulo, cabe destacar a suma importância da Revolução Cubana no *Jornal do Povo*.

É perceptível que mesmo as notícias não estando completas na primeira página, havia uma hierarquização dos conteúdos nas páginas posteriores. Nas seções diversas, havia artigos de redatores, assim como colunas assinadas por colaboradores que expunham seus pontos de vista em relação ao movimento revolucionário. As imagens utilizadas para contextualizar, ilustrar, enfatizar etc., o conteúdo dos textos privilegiou imagens de guerrilheiros; representantes da União Soviética relacionados com os desdobramentos da Revolução Cubana; e o presidente estadunidense John F. Kennedy (1961-1966).

### 3. A REVOLUÇÃO CUBANA

#### **Análise sobre a Revolução Cubana no *Jornal do Povo***

O cientista social José Rossini Campos do Couto Corrêa (2017) aponta que a soberania norte-americana observava na América Latina, com a vitória dos guerrilheiros cubanos em 1959 o rompimento da unipolaridade capitalista hegemônica continental. O projeto político Aliança para o Progresso (1961) atuou como uma política de conservação dos interesses estadunidenses. Ele pontua que:

[...] para os Estados Unidos, preocupados com o fantasma de Cuba, só havia um compromisso: o de interpor obstáculos ao progresso de uma imaginária revolução de exportação, em que os guerrilheiros vitoriosos acreditavam, a exemplo de Che Guevara, capacitando e cooperando com os aparelhos de repressão e persuasão das burguesias nacionais subalternas, para desorganizar os movimentos de reivindicação social e possibilitar a consecução de uma alternativa despótica de expansão do capitalismo dependente nas regiões subdesenvolvidas das três Américas (CORRÊA, 2017, p.331).

Para mais, o autor ressalta que muitos setores políticos se acreditavam que a revolução brasileira já estava realizada. Cita que Moniz Bandeira era um desses e considerava a transformação da estrutura social pronta para uma ruptura. Segundo a concepção de Corrêa:

As bandeiras das reformas de estrutura (agrária e urbana, bancária e tributária, eleitoral e universitária, da política externa, da situação do capital estrangeiro e da proteção e exploração das riquezas minerais), sob a hegemonia da burguesia, apontavam para uma utópica revolução capitalista, suficiente apenas para alimentar a retórica demagógica de políticos cobiçosos de poder, direcionados como promessa de salvação aos miseráveis, aos extorquidos, aos humilhados, aos desesperançosos, aos ofendidos, sob o manto protetor da retórica populista, de presença continental. De Juan Domingo Perón (Argentina) a Getúlio Vargas (Brasil); de Carlos Ibanês del Campo (Chile) a Gustavo Rojas Pinilla (Colômbia); sem esquecer de Lázaro Cárdenas (México) (Corrêa, 2017, p.333).

Os apoiadores da revolução brasileira de cunho socialista acreditavam no desfruto da exploração dos políticos burgueses, que, avançaram sem perceber. E esta, em

seguida da Revolução Cubana passara a ser preparada na geopolítica, no que se refere a Guerra Fria passando militarismo tecnocrático.

No que se refere algumas regiões do Brasil, Corrêa (2017) salienta que o Nordeste se destacara como uma região explosiva e de segurança continental. Pode-se citar o exemplo de Pernambuco que transformava organização política em movimentos sociais. A SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste- foi um mecanismo de prevenção à Revolução Brasileira implantada no governo de Juscelino Kubitschek.

No tocante ao PSP (Partido Social Progressista), a problemática que perpassava o partido foi situar-se na tradição dos organismos partidários afeiçãoados a regionalismos. O PSP-MA obteve algumas especificidades como um partido mais equilibrado e de uma frente democrática, reuniu uma determinada parte, orientada por ideia nacionalista, popular e democrática liderado pelo deputado Neiva Moreira. Nesse sentido:

[...] o PSP-MA era um partido frentista, na sua economia de autocomposição, polarmente desenhada no convívio de Clodomir Milet (conservador) e de Neiva Moreira (progressista). O pensamento de Clodomir Milet esgotava-se na sua pregação da moralidade eleitoral e administrativa para o Maranhão. O compromisso de Neiva Moreira desembocava no reformismo transformador, maranhense e brasileiro, sob uma perspectiva socialista democrática. Clodomir Milet, pós-64, terminou Senador pela ARENA-MA. Neiva Moreira, pós-64, compelido ao exílio, se transformou em uma referência no jornalismo político internacional (CORRÊA, 2017, p.343).

*O Jornal do Povo* se destaca dentre os outros periódicos maranhenses na sua recepção com veemência a Relação Cubana, no sentido de defender que o país poderia escolher para si o seu próprio caminho. Nesse sentido, o diretor do periódico se identifica com as desigualdades sociais no regime de Batista os problemas sociais que a sociedade maranhense vivia, em decorrência das políticas fraudulentas.

Os ideais pautados no periódico se referem na autodeterminação dos povos, trincheira de oposição contra práticas como o mandonismo e clientelismo foram enfatizados, principalmente nos editoriais temáticos sobre a ilha caribenha. “O JP exerceu, em quase tudo, influência conscientizadora num sentido progressista” (Moreira, 1989, p.108).” Além do mais, noticiou-se com otimismo a posição do Brasil ao negar as

invertidas dos EUA em isolar politicamente Cuba. Segue abaixo uma linha do tempo da Revolução Cubana com os temas que tiveram amplo destaque no *Jornal do Povo*:



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

### 3.1 EUA e Cuba nas páginas do *Jornal do Povo*

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) com a vitória dos aliados sobre o nazifascismo, entre os anos de 1945 até o final da década de 1980 foi marcado por disputas ideológicas, econômicas, políticas, culturais e militares entre as duas superpotências: Estados Unidos e União Soviética. Esse período ficou conhecido historicamente como Guerra Fria e marcou a política internacional da época.

[...]no fim dos anos 50, a conjuntura internacional desenvolvia-se em um sistema já bem estabelecido entre leste-oeste, com aparente vantagem para o bloco soviético. Com a eleição de Kennedy, buscou-se superar a União Soviética, cujo governo de Krushev se aproveitava da conjuntura favorável para pressionar os Estados Unidos em casos como o do U-2, em 1960, e na questão de Berlim. Desde o governo Eisenhower, havia pressão para o

estabelecimento de um estatuto definitivo sobre a capital alemã, mas é com Kennedy que a tensão se elevará, em momentos como o de Checkpoint Charlie, em 1961, quando tanques americanos e soviéticos se posicionaram frente à frente e uma guerra parecia iminente. (FRANCHINI NETO, 2005, p.03).

Nesse sentido, na década de 1960 havia um elemento chave na América Latina para a intensificação do confronto entre as duas potências: a Revolução Cubana, em que seus contornos já haviam sido estabelecidos anteriormente, mas a partir desse período que as situações ficaram mais tensas na Guerra Fria. Cuba se tornou uma preocupação para os norte-americanos por se tratar de uma ameaça.

A partir do estudo realizado verificou-se cerca de 84 notícias sobre a política estadunidense em consonância com a Revolução Cubana. O diretor Neiva Moreira e os colaboradores se mostravam contrários as políticas tomadas pelos norte-americanos em relação ao movimento guerrilheiro. O primeiro artigo publicado sobre o tema foi assinado por Mauricio Medeiros<sup>16</sup> e denunciava o apoio dos EUA e da Inglaterra no regime de Batista.

Com os desdobramentos da Revolução Cubana, as relações entre Cuba e os EUA tornaram-se mais tensas. João Roberto Martins Filho (1999) afirma que após nove meses a Revolução deixou de ser vista como um movimento democrático reformista por parte dos estadunidenses. A visita de Fidel Castro aos Estados Unidos contribuiu para essa mudança. Este episódio ganhou destaque na capa do *Jornal do Povo*, intitulado “O Homem que derrubou Batista (Fidel Castro) chega a Washington” acompanhado da fotografia de um guerrilheiro:

WASHINGTON,16 – O premier cubano, Fidel Castro, chegou aqui para uma visita de 15 dias aos Estados Unidos, com objetivo de ganhar o apoio deste país para o seu governo revolucionário. Seu avião aterrou com duas horas de atraso. Uma multidão integrada em grande parte por peruanos residentes aqui pelo pessoal da embaixada e outras pessoas saudaram calorosamente o homem que derrubou Fulgêncio Batista

---

16 MEDEIROS, Mauricio de. Ditaduras Americanas. *Jornal do Povo*, São Luís, 13.01.1959, p.04.



A notícia consistia na reprodução do conteúdo do jornal que não é citado, mas é da cidade Washington nos EUA, local em que aconteceu a visita. Fidel Castro realizou o encontro com o objetivo de ganhar apoio no governo e melhorar suas relações com o país norte-americano, mas, de acordo com Martins Filho, a viagem foi interpretada como uma ameaça aos Estados Unidos. (Martins Filho, 1999, p.71).

Posteriormente, o presidente Eisenhower (1953-1961) tomou medidas mais acirradas e se posicionando abertamente contra o regime cubano. “Foi em tal clima que, a 17 de março de 1960, o presidente Eisenhower deu sinal verde à CIA para que preparasse os planos de invasão da ilha.” (Martins Filho, 1999, p.71).

John Kennedy, quando assumiu a presidência, deu continuidade à campanha anticomunista do governo anterior que se desdobraram em apoio a ataques militares à ilha. O *Jornal do Povo* registrou esse ímpeto ao mostrar a recepção misturada com descontentamento do ocorrido em Cuba. Com o texto proveniente de São Paulo o editorial destaca “Brasil solidário com Fidel Castro” em que destaca como o povo brasileiro, expondo a mobilização de setores da sociedade brasileira que manifestavam apoio ao governo revolucionário cubano.

S.Paulo, 18 - Falando a uma multidão calculada em milhares de pessoas, estudantes, líderes operários e políticos realizaram as dezoito horas de ontem na praça da Sé um comício de protesto contra a invasão de Cuba. Pessoas das mais variadas classes sociais compareceram com faixas e cartazes onde liam diversos protestos condenando a invasão de país Caraíbas. Dezenas de operadores falaram ao povo que aplaudiu demoradamente as manifestações de apreço ao povo cubano. O comício transformou depois em passeada quando populares dirigiram-se aos órgãos de imprensa local a fim de agradecer aqueles jornais de apoio. (Jornal do Povo, 1961, p.01).

Os norte-americanos viam como ameaça o governo cubano e cada vez mais adotavam uma política externa agressiva, de forte sentido anticomunista e com um

discurso de defesa da América Latina em relação à influência da União Soviética e de Cuba. Em 1961, com a tentativa fracassada de invadir a ilha caribenha, os Estados Unidos preocupavam-se cada vez com fortalecimento do governo cubano. “A invasão da Baía dos Porcos mostrou o ativismo do novo governo também no campo militar” (Martins Filho, 1999, p.73). Com esse contexto, o foram analisadas 22 notícias do periódico referentes a invasão da Baía dos Porcos. Todas ganharam destaque na primeira página do jornal, com perspectivas de políticos locais e nacionais, do diretor do jornal e solidariedade do povo para lutar em defesa de Cuba. Todas ganharam destaque na primeira página do jornal, com perspectivas de políticos locais e nacionais, do diretor do jornal e solidariedade do povo para lutar em defesa de Cuba.

Representantes políticos locais também manifestaram suas posições no *Jornal do Povo* sobre o episódio na Baía dos Porcos. José Sarney, por exemplo, afirmou, em discurso a uma sessão na câmara dos deputados reproduzido no jornal, que as forças que invadiram Cuba foram financiadas pelos interesses estrangeiros que desejavam derrubar o governo revolucionário.

Também ressaltou sobre a importância da autodeterminação e direitos dos povos que fazem parte dos valores do matutino. Porém, segundo Corrêa (2017) Sarney era um defensor assíduo do capitalismo e inspirado na história dos grandes homens estadunidenses. Em resumo, o futuro governador do Maranhão e Presidente da República ressaltou como o que ocorreu em Cuba representava um risco a soberania dos países da América Latina.<sup>17</sup>

Em contraste foi publicado uma reprodução da concepção do senador Vitorino Freire feita no senado, Freire dominava diversos âmbitos na política local<sup>18</sup>, manifestou-se sobre a invasão da Baía dos Porcos. Afirmou ser a favor do ataque e criticou Fidel Castro de não ter dado a Cuba o direito ao voto livre e democrático. Essa notícia foi exposta na capa do jornal ao lado de outras reportagens sobre Cuba.

---

17 Sarney: o problema de Cuba é de todos os países da América. **Jornal do Povo**, São Luís, 21.04.1961, p.05.

18 Um depoimento que não podia faltar. **Jornal do Povo**, São Luís, 26.04.1961, p.01 e p.04.

Porém, a posição de Freire é controversa, levando em conta que seus comportamentos e atitudes na política local. Ele era um dos representantes dos interesses das oligarquias agrárias maranhenses, manipulava a política estadual através de cargos que ocupou por 20 anos. Fica o questionamento, o senador pernambucano estava preocupado em uma democracia cubana ou apenas acirrar a disputa política com seu opositor político Neiva Moreira através da opinião sobre o ataque a Cuba? Cabe enfatizar como tema “Revolução Cubana” explicitou, tensões, posicionamentos dos representantes políticos locais sobre questões fundamentais da época, tais como, “democracia”, “autoritarismo”.

#### UM DEPOIMENTO QUE NÃO PODIA FALTAR

Se Fidel Castro tomasse conhecimento de Vitorino e suas façanhas em nossa terra poderia perguntar-lhe se há mais liberdade em Cuba, do que em Coelho Neto ou Parnarama e se o povo cubano, que recebe terras, tem trabalho assegurado, vê os seus exploradores banitos e o poder distribuído, estará mais ou menos felís<sup>19</sup> que os maranhenses, que vivem na pior opressão econômica e social resultante do sistema dominante (Jornal do Povo, 1961, p.01)

Em contrapartida, o *Jornal do Povo* noticiou o ataque à Baía dos Porcos com uma edição que levou na capa uma grande fotografia de Fidel Castro. Os textos dessa edição procuravam dimensionar a posição da sociedade ludovicense em relação ao ataque a Baía dos Porcos. A edição relatou manifestações<sup>20</sup> organizadas por estudantes e trabalhadores maranhenses contra a agressão dos EUA a Cuba que acontecera na Praça João Lisboa, em São Luís.

---

<sup>19</sup> Reprodução total da fonte

<sup>20</sup> Manifestação contra agressores de Cuba. **Jornal do Povo**, São Luís, 19.04.1961, p.01.



Registro feito pela autora (2024)

Observa-se como havia setores da sociedade maranhense atento a esse acontecimento, certamente abertos mais sobre o que estava acontecendo politicamente nos outros países latino-americanos, principalmente em Cuba. Em outubro de 1962, houve a Crise dos Mísseis que o *Jornal do Povo* publicou 29 notícias sobre o assunto, dentre elas, artigos e editoriais. Todas elas tiveram grande notoriedade, com várias representações iconográficas, títulos bem grandes

#### MANIFESTAÇÃO CONTRA AGRESSORES DE CUBA

Promovida por estudantes e trabalhadores maranhenses será realizada hoje grande manifestação popular contra a agressão ao povo cubano na Praça João Lisboa as 17 horas. Os estudantes, trabalhadores e intelectuais convidam o povo a participar desta manifestação em defesa de direito de autodeterminação dos cubanos, (Jornal do Povo, 1961, p.01).

No imerso da Guerra Fria, esse episódio que incluiu os EUA, União Soviética e Cuba foi um dos momentos mais inquietantes. A partir da instalação de mísseis soviéticos em solo cubano, o presidente dos Estados Unidos, ordenou um bloqueio naval em Cuba e muitos navios norte-americanos estavam presentes na Caraíbas. Também foi determinado e informado pelo departamento de defesa que qualquer país que fornecer algum tipo de ajuda a Cuba, seja por via aérea ou naval seria revistado.

Em um editorial escrito por Neiva Moreira intitulado “Problema Cubano” o jornalista criticou o bloqueio dos EUA a Cuba, pois, em meio uma Guerra, uma restrição como essa atrapalha as relações comerciais, diplomacia.<sup>21</sup> Além disso, a União Soviética tem utilizado como propaganda para definir os atos norte-americanos como agressão, assim como também Cuba não tem direito em intervir na diplomacia brasileira. Além disso, ele ressalta que a União Soviética tem utilizado propagandas para descrever as ações violenta dos EUA contra Cuba, assim também que o governo cubano não deve interferir na diplomacia brasileira

Desse modo, o diplomata Rubens Ricupero (2006) frisa que em relação a política externa brasileira no século passado, Cuba seria uma das causas da indagação da ideologia dos EUA e foi a partir daí iniciou-se dentro de uma adversidade latino-americana a não submissão a Washington.

### **3.2 Países Latino – Americanos e a Revolução Cubana no Jornal do Povo**

Nas leituras efetuadas, se fez o levantamento de 74 notícias referentes as relações entre o regime cubano e os países latino-americanos. Situando no contexto histórico, a Guerra Fria como acentua Hélio Franchini Neto (2005) houve um novo confronto bipolar e seus desdobramentos se tornaram mais peculiares não sendo só Berlim como problema. Agora Cuba tornava-se um entrave que modificava os rumos da confrontação bipolar. Segundo ele:

A revolução de Fidel e seus desdobramentos, porém, continham também elementos específicos das relações interamericanas: marcava-se principalmente pela relação entre Estados Unidos e América Latina, cujas tendências históricas foram desenvolvidas nos séculos XIX e XX, e que adquiriram contornos específicos com a Guerra Fria (FRANCHINI NETO, 2005, p.04).

---

<sup>21</sup> MOREIRA, Neiva. O problema cubano. **Jornal do Povo**, São Luís, 26.10.1962, p.02.

Segundo Tainara Borilli (2015), desde o término da Segunda Guerra Mundial, os EUA já viam o comunismo da União Soviética como algo a se temer. Com o desenrolar da Guerra Fria, os estadunidenses estavam determinados a criar mecanismos para combater uma possível ameaça comunista que se desdobrou em ações intervencionistas nos países latino-americanos. A disputa entre as duas superpotências que emergiram nos pós Segunda Guerra atingiu as relações interamericanas, e para evitar e manter o hemisfério ocidental longe das ameaças e influências da União Soviética, os Estados Unidos colocaram em ação seus projetos. E foi nesse momento que as relações dos Estados Unidos e América Latina tiveram um impasse, entraram num momento 64 críticos.

Por causa da intervenção direta norte-americana sobre Cuba, a década de 1960 iniciou agitada pelas manifestações antiamericanas por parte dos países que sofriam intervenção, principalmente na década de 1950. Diante disso, os Estados Unidos tiveram que rever o exercício de sua hegemonia e permaneceram ainda mais atentos a sua zona de influência (Borilli,2015, p.63).

No *Jornal do Povo* foram publicadas quarenta notícias que relacionavam Brasil e Cuba. Os textos abordaram posicionamentos de chanceleres, políticos e até embaixadores sobre os rumos da Revolução e o impacto que poderia causar no Brasil. Analisamos editoriais e artigos de opinião centrados em temas políticos e econômicos, grande parte deles advindos de outros jornais que não tiveram seus nomes declarados no *Jornal do Povo*.

Na primeira página da edição de março o *Jornal do Povo* foi publicada , a manchete destaca o esforço diplomático do ex-presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, para pacificar as relações entre EUA e Cuba.<sup>22</sup> O jornal relata a recusa da proposta de mediação brasileira por parte do governo estadunidense sob a alegação de que, segundo o porta voz do Departamento de Estado dos EUA, Lincoln Write, o problema com Havana só poderia ser solucionado por meio de conversas diretas e o estabelecimento de acordos em relação as expropriações de bens e propriedades norte-

---

22 O problema dos Estados Unidos com Havana pode e deve ser resolvido mediante conversações diplomáticas diretas e normais. **Jornal do Povo**, São Luís, 19.03.1960, p.01, p.05, coluna H.”

americanas pelas autoridades cubanas. Entre os países latino-americanos, o Brasil reconheceu bem a Revolução Cubana, tanto que o embaixador Vasco Leitão da Cunha se encontrou com Fidel Castro dias depois, o interesse brasileiro era a união da sua política pan-americanista. Essa reunião teve uma grande repercussão na imprensa carioca.

Castro visitou o Brasil pela primeira vez e junto com o governo brasileiro reafirmaram sua solidariedade com todo o continente. Nesse momento o presidente do Brasil ofereceu-se ser mediador entre Cuba e EUA no intuito de evitar qualquer ataque na ilha, meses mais tardes esse tema foi debatido em Washington, entre o Chanceler Horácio Lafer e o Secretário de Estado Christian Herter. (Bezerra, 2018, P.48) Essa experiência foi de suma relevância e foi noticiada no *Jornal do Povo* “JK seria mediador entre Cuba e EEUU”.

O presidente Kubitschek chamou ontem, em seu gabinete no Palácio das Laranjeiras, o ministro Horacio Lafer, a fim de apreciar as circunstâncias que poderiam cercar sua proposição de mediação na crise do Caribe. O encontro do ministro do Exterior teve início cerca das 17 horas e durou mais de duas horas[...]. (Jornal do Povo, São Luís,08.01.1961, p.01 e p.05.)



Ainda sobre a viagem de Fidel Castro no Rio de Janeiro, o diretor do *Jornal do Povo*, Neiva Moreira conseguiu ter contato direto com o guerrilheiro. Em um jantar em que foi convidado para homenagear o líder cubano, o jornalista destacou sua admiração pela revolução e caso não houvesse nacionalização de algumas empresas e não fizesse uma reforma agrária nada adiantaria e a revolução não teria futuro. (Moreira,1989, p.250).

Castro expôs seus objetivos revolucionários e respondeu “[...] O fundamental, o urgente, seria restabelecer os direitos humanos e sociais e acabar com ‘los ladrones’”. (Moreira,1989, p. 246). Esse diálogo foi importante porque representava as expectativas de muitos grupos a favor do movimento revolucionário.

Segundo Santos (2014), o então presidente brasileiro, Jânio Quadros era contrário às intervenções diretas ou indiretas de outros países em Cuba. “Nos breves oito meses de sua presidência, Jânio desenvolveu uma política externa intuitiva e inovadora, às vezes desnecessariamente provocadora como no episódio Guevara” (Ricupero,2006, p.60). Quadros se posicionava enfaticamente e de maneira crítica sobre a política estadunidense em relação ao isolamento de Cuba. Nessa perspectiva Franchini Neto afirma:

A participação brasileira na VIII RMRE deve ser entendida como a intersecção entre um projeto de política externa claramente delimitado no governo Jânio Quadros, que definiu uma linha política para o caso cubano em 1961, e que foi mantido por Goulart no início de 1962, mais exigências do quadro político doméstico após a crise da renúncia, caracterizado pela radicalização política. Assim, a Política Externa Independente (PEI), teve em Cuba um desafio concreto e a utilizou, possivelmente, como vitrine de atuação. Sua liberdade de movimento, porém, estava seriamente limitada pela controvérsia interna (FRANCHINI NETO,2005, p.15).

Em artigo publicado sobre a posição do presidente Jânio Quadros no *Jornal do Povo* sobre a Revolução “Jânio Quadros é resposta capitalista a Revolução Popular de Fidel Castro: Julgamento dos jornais parisienses- Janio apontado como vedete anti-socialista” publicado originalmente no jornal francês , <sup>23</sup> afirma que Jânio Quadros como representante do maior país latino-americano, se posiciona como capitalista a respeito do regime cubano e o jornal francês indaga se Quadros deixará o fidelismo se propagar no Brasil. “Jânio se proclamara um admirador da Revolução Cubana, mas isso não significava que iria aderir incondicionalmente às propostas de Fidel.” (Bezerra,2012, p.63)

Sobre o Ataque a Baía dos Porcos gerou opiniões entusiasmadas tanto da direita como da esquerda. Leonel Brizola, umas das figuras de destaque da esquerda na época entrou em contato com Jânio Quadros que analisava o acontecimento como um perigo

---

23 Jânio Quadros é resposta capitalista a Revolução Popular de Fidel Castro: Julgamento dos jornais parisienses- Janio apontado como vedete anti-socialista. **Jornal do Povo**, São Luís, 22.10.1960, p.05.

para autodeterminação do Brasil assim como os demais países latino-americanos. (Bezerra,2012, p.01). O diplomata Gustavo Henrique Marques Bezerra pontua que:

[...]No Congresso e nas ruas das principais cidades houve manifestações de repúdio à invasão e a favor de Cuba, organizadas por entidades como a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), as Ligas Camponesas, a União Nacional dos Estudantes (UNE) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), além da Comissão Brasileira de Solidariedade ao Povo Cubano[...]. (BEZERRA,2012, p.01).

Em consonância com esse contexto, o matutino maranhense divulgou a posição brasileira a respeito do ataque norte-americano na ilha caribenha, como as pessoas se solidarizavam e se ofereceram para lutar em favor de Cuba. Cabe observar:

#### VOLUNTÁRIOS BRASILEIROS LUTARÃO POR FIDEL CASTRO

RECIFE, 19- As ligas camponesas estão providenciando o embarque para Cuba de 66 voluntários inclusive três mulheres que se inscreveram para lutar ao lado das forças de Fidel Castro. Os dirigentes da entidade informaram que esperam a apresentação de mil voluntários até o fim do mês. Sondado a respeito, o chefe Cel. Costa Cavalcanti disse que nenhum embarço pretende criar aos envios de brasileiros para Cuba. Apenas cumprirá as prescrições legais na concessão de passaportes. (Jornal do Povo, 12/01/1961, p.01)



Fotografia registrada pela autora (2024)

Outra notícia que recebeu amplo destaque no *Jornal do Povo*, publicada originalmente, abordou a uma viagem feita por Ernesto “Che” Guevara para o Uruguai com conexão no Rio de Janeiro no aeroporto do Galeão. O atual presidente do Brasil ao

saber que Guevara estava nessa conexão, pediu a João Dantas que o convidasse novamente ao Brasil para uma reunião de Punta del Este. A declarada simpatia de Quadros pelos guerrilheiros cubanos gerou debates internacionais e gerou descontentamentos de forças conservadoras, como afirmou Ricupero: “Não é coincidência que a condecoração de Che Guevara esteja indissolúvelmente ligada à renúncia de Jânio Quadros” (Ricupero, 2006, p.59).

Com a renúncia de Jânio Quadros e João Goulart assumindo a presidência, houve algumas mudanças na política externa brasileira. Em 1962, houve uma reunião entre Ministros das Relações Exteriores dos Estados e membros da Organização dos Estados Americanos (OEA)<sup>24</sup> em Punta del Este no Uruguai:

A Conferência focava-se na situação política do governo de Cuba, cujo líder – Fidel Castro – declarara adesão ao marxismo-leninismo, e nas alegadas ações contra países vizinhos. Após dez dias de discussões, em 31 de janeiro, Cuba foi suspensa da Junta Interamericana de Defesa e da OEA, sendo que esta última decisão não contou com votos favoráveis dos maiores Estados latino-americanos (FRANCHINI NETO, 2005, p.01).

O *Jornal do Povo* publicou diversas de notícias sobre a Conferência de Punta Del Este que, no geral, mostravam a posições dos países latino-americanos e a influência norte-americana sobre o caso cubano. No entanto, no artigo intitulado “Vai começar em Punta Del Este a batalha de autodeterminação”<sup>25</sup> destacamos a reafirmação do chanceler San Tiago Dantas sobre o Brasil não apoiar o comunismo, mas também se opor a qualquer tipo de intervenção contra o regime cubano. Enquanto, em contrapartida, o jornal ressaltava a denúncia do secretário de Estado norte-americano de que Cuba estava exercendo intervenções na América.

Cabe ressaltar que o chanceler brasileiro Dantas discordou com as sanções econômicas e diplomáticas contra Cuba. “Os seis países “legalistas” (Argentina, Bolívia,

---

24 A Organização dos Estados Americanos (OEA) foi criada em 1948 com o objetivo de formar uma ordem de paz e justiça, assim como também certificar o alinhamento dos países Americanos. Atualmente conta com 35 Estados Independentes da América.

[https://www.oas.org/pt/estados\\_membros/default.asp#:~:text=Os%2035%20pa%C3%ADses%20independentes%20das,e%20s%C3%A3o%20membros%20da%20Organ](https://www.oas.org/pt/estados_membros/default.asp#:~:text=Os%2035%20pa%C3%ADses%20independentes%20das,e%20s%C3%A3o%20membros%20da%20Organ)

25 Vai começar em Punta Del Leste a batalha de autodeterminação. Brasil: democracia representativa e anti-comunismo sem intervenção estrangeira. **Jornal do Povo**, São Luís, 19.01.1962, p.01.

Brasil, Chile, Equador e México) não admitiam a exclusão de Cuba. Na carta da OEA, não havia qualquer parágrafo que previsse este tipo de penalidade” (Amado, 2006, p.410).

Outra notícia intitulada “Brasil vota contra expulsão de Cuba” ressalta o posicionamento de San Tiago Dantas a respeito da saída de Cuba da OEA.<sup>26</sup> Esta indica que outros países da América Latina, tais como Guatemala e Venezuela estavam ao lado dos EUA na defesa do isolamento de Cuba. E ao final da conferência, o diplomata brasileiro também concluiu que o “melhor” seria o isolamento de Cuba. Borilli pontua que:

Logo, os Estados Unidos começam a usar seus recursos para afastar a ameaça comunista, e mostram seus interesses através das organizações. E foi com a Organização dos Estados Americanos (OEA), que os Estados Unidos buscaram ajuda, pois conseguiram tirar Cuba da Organização, a partir do definitivo alinhamento do governo cubano com Moscou, que foi determinante para criar argumentos que justificariam a expulsão de Cuba, em 1962 (BORILLI,2015, p.67).

Entretanto, segundo Borilli (2015) é perceptível que a política externa estadunidense direcionava ampla atenção aos países latino-americanos, com intuito de manter um distanciamento da influência soviética e qualquer país aliado a ela, como Cuba. Assim como a OEA, “tem intervindo em questões dos países membros. E teve sua passagem na Guerra Fria, atuando diretamente nos desdobramentos da Revolução Cubana.” (Borilli,2015, p.69).

Outra notícia intitulada “Brasil contra Estados Unidos: Nenhuma ação contra Cuba”<sup>27</sup> destacou a posição de países latino-americanos: Chile, Bolívia e Venezuela sobre a defesa da autodeterminação dos cubanos de forma contrária aos norte-americanos. Contextualizando, cabe destacar que após o Ataque a Baía dos Porcos estes países considerados fortes na América Latina reforçaram seu apoio a Revolução, principalmente a Fidel Castro (Moniz Bandeira, 2009, p.340). Sobre o a posição do governo brasileiro:

[...]O que Kennedy queria saber era se o Brasil modificara sua posição no caso de Cuba, cujo direito à autodeterminação o governo Quadros defendera, opondo-se a qualquer intervenção que violasse o princípio da soberania

---

<sup>26</sup> Brasil vota contra a expulsão de Cuba: Comunismo se combate é com melhor distribuição de riqueza – declara chanceler Santiago Dantas. **Jornal do Povo**, São Luís,26.01.1962, p.01.

<sup>27</sup> Brasil contra Estados Unidos: nenhuma ação contra Cuba. Chile, Venezuela apoiam tese brasileira. **Jornal do Povo**, São Luís,20.04.1963, p.01.

nacional. Goulart, entretanto, tinha menos condições do que Quadros para modificar os rumos da política exterior, não apenas em virtude dos interesses nacionais do Brasil, condicionados pelas necessidades objetivas do seu desenvolvimento, como também em virtude dos próprios compromissos políticos e ideológicos, que ele, pessoalmente, tinha com a classe de trabalhadores e as correntes nacionalistas, sustentáculos eleitorais do Partido Trabalhista Brasileiro[...]. (MONIZ BANDEIRA, 2009, p.341)

Por fim, os textos destacados apontam como a política dos EUA para a América Latina colocou a questão da Revolução Cubana e seu decorrente governo no centro de seus interesses e ações e repercutiu na reconfiguração das relações diplomáticas de todo continente. Devido aos limites desta análise centramo-nos no caso da repercussão no Brasil, porém, como nosso levantamento documental no *Jornal do Povo* atesta, é possível pensar o impacto das sanções a Cuba nas posturas diplomáticas de diferentes países da América Latina.

Sobre a Crise dos Mísseis, o Brasil, Chile, Bolívia, México e Uruguai se posicionaram em defesa da autodeterminação e não intervenção. “O Presidente do México, Adolfo López Mateos, adotou postura contrária à tradicional neutralidade mexicana em relações internacionais e opôs-se firmemente à instalação de mísseis da URSS em Cuba” (Bezerra, 2012, p.182). Enquanto isso Venezuela e Argentina ofereceram navios de guerra para os EUA, nesse sentido, vale ressaltar a posição dos dois países “[...]A Venezuela, entretanto, rompeu relações com o governo Castro, em 11 de novembro, apesar das gestões feitas pelo Brasil para evitar tal decisão pois considerava perigoso o isolamento de Cuba[...]” [...]. (Moniz Bandeira, 2009, p.347). Argentina já havia rompido com Cuba e esse fato ganhou destaque nas páginas do *Jornal do Povo* “Argentina rompeu com regime de Castro”

Buenos Aires, 8- O governo brasileiro se encarregará dos interesses argentinos em Cuba quando nos próximos dias a Argentina romper relações com aquele país segundo anunciou fonte muito autorizada junto ao ministério. O embaixador brasileiro foi recebido inesperadamente pelo presidente Frondizzi. Ao retirar-se do gabinete do presidente disse: conversamos sobre as consequências da Conferência de Punta del Este. (Jornal do Povo, São Luís, 09.02.1962, p.04.).



Em vista disso, governo de João Goulart (1961-1964) recusava ajudar no Bloqueio Naval de Cuba, mesmo alguns países do continente estando a favor, os Estados Unidos começaram a cada vez pressionar tais governos. Jango deixava claro sua oposição a qualquer ação militar contra Cuba, mas não anulava seu comportamento em relação aos dois blocos e seu favoritismo dos EUA em relação a URSS. *O jornal do Povo* publicou a posição da política no Brasil sobre a Crise dos Mísseis, intitulada “Governo Brasileiro”

O embaixador brasileiro no Conselho Consultivo da OEA, Ilmar Pena Marinho, revelou que a representação brasileira naquele organismo não dará “carta branca” aos Estados Unidos numa situação que arrisca desencadear uma guerra mundial. Informa-se que na próxima reunião convocada para apreciar o bloqueio de Cuba, o Brasil se propõe apresentar projeto para organização de uma comissão de neutros que seria enviada a Cuba. Por outro lado o México é de opinião que as medidas preconizadas pelos Estados Unidos não podem ser adotadas sem retificação dos demais países da OEA. (*Jornal do Povo*, 24.10.1962, p 1-3).

Ademais, a questão religiosa envolvendo a Revolução Cubana estava presente no *Jornal do Povo*. O diretor Neiva Moreira (1989) aponta que colaboradores como Dom Delgado e Fragozo questionaram a redação do jornal por não haver uma coluna católica levando em conta a presença de muitos católicos no Maranhão e a importância do sentido social da igreja.

Após a vitória dos guerrilheiros em 1959, iniciou uma nova conjuntura em algumas disputas políticas e um desses grupos que se via destacado era a Igreja Católica

através de uma possível possibilidade de alcançar um lugar no governo. “A mentalidade de amplos setores do clero e episcopado estava afeita a uma visão de Igreja hierárquica que desconfiava dos movimentos da sociedade, sobretudo aquele que se autocompreendia como revolucionário.” (Aldivar, R. V.; Silva, W, p.08, 2023).

Dom Antônio Fragoso nasceu no Ceará em 1920 e se destacou na história do catolicismo brasileiro, em 1944 se tornou sacerdote e em março de 1957 foi nomeado bispo auxiliar de São Luís do Maranhão. Em sua vida deixou um legado por conta da sua defesa dos direitos humanos e políticos no Brasil na época da ditadura civil-militar 1964. Fragoso se empenhou no plano internacional, operando na América Latina juntamente com o arquiteto e prêmio Nobel da Paz Adolfo Pérez Esquivel no Serviço Paz e Justiça na América Latina (SERPAJ-AL). Em 1964 ao elogiar Cuba, Fragoso foi interpretado por militares como uma possível ameaça para o contexto brasileiro.

Nesse sentido, em Cuba alguns principais bispos eram solícitos ao movimento revolucionário já que entendiam que o cenário teria que ser a saída de Batista, mas deixavam claro a sua discordância com o socialismo. Naquele contexto é possível afirmar que 95% dos cubanos eram católicos e cabe destacar que algumas medidas feitas pelos revolucionários foram defendidas pela igreja como a Reforma Agrária. (Aldivar, R. V.; Silva, W, p.08, 2023).

Além disso, em um artigo com o mesmo tema intitulado “Fidel Castro Acusa”<sup>28</sup> em que Fragoso aponta algumas acusações feitas por Castro da igreja na Universidade de Havana, como pregação de ódio a pátria nas escolas católicas, assim como também propaganda americana e padres que estavam atreladas as usinas de açúcar, mas conhecidos como “botellers” (pessoas que ganham dinheiro sem trabalhar). Em contrapartida, os bispos se defenderam das acusações sendo o termo, segundo eles, usado de maneira injusta e que muitos defenderam o direito dos operários de Cuba pré-revolucionária.

---

<sup>28</sup> FRAGOSO, D.A. Fidel Castro acusa. **Jornal do Povo**, São Luís, 31.05.1961, p.02.

Através das notícias selecionadas para análise, foi possível observar como o *Jornal do Povo* tratou as temáticas sobre a Revolução Cubana no contexto da Guerra Fria tendo grande relevância e influência nos meios políticos, intelectuais e movimentos sociais. Preocupando-se em atrelar as disputas de políticos locais, perspectiva de presidentes brasileiros. A recepção pelos maranhenses foi extremamente importante para difusão das ideias nos meios de comunicação, principalmente no periódico estudado. O diretor Neiva Moreira deixava claro seu favoritismo pelo Fidel Castro e isso ficava estampado nas capas do periódico.

## **Conclusão**

Na experiência cubana que foi vitoriosa, os norte-americanos atuaram de forma rígida na luta, pluralizando locais de treinamento e incentivando distintos aparelhos repressivos. Nesse período, predominava a Guerra Fria, em que a política externa de distintos países se conduzia das relações mantidas entre as superpotências, Estados Unidos e União Soviética.

Nesse sentido, é interessante entender que a Revolução Cubana se insere no contexto da Guerra Fria, que teve grande impacto na América Latina. Sua motivação foi vencer o subdesenvolvimento histórico causado pelas heranças coloniais, superar as heranças culturais, contra o imperialismo norte-americano imposto desde a independência da ilha e para isso houve uma transição para o socialismo e foi perceptível que uma parte da burguesia cubana se posicionou de maneira contrária as reformas propostas pelos guerrilheiros. Cabe destacar, que introdução do socialismo foi em decorrência da radicalização do próprio processo revolucionário, em vista dos obstáculos interpostos pelo imperialismo que a questão geopolítica ocorrida entre 1959 e 1961.

A recepção da revolução pelos norte-americanos causou um grande descontentamento, após uma semana eles reconheceram o movimento revolucionário. Ademais, adentrando na América Latina, houve distintas ligações com a esquerda latino-americana, a recepção brasileira sobre a revolução foi logo reconhecida 5 de janeiro de 1959. Movimentos estudantis, intelectuais comemoravam a chegada dos guerrilheiros em Havana. No âmbito local, havia o *Jornal do Povo* e seu diretor Neiva Moreira que

imediatamente convocou alguns políticos para ouvirem seu discurso na Câmara Federal sobre o reconhecimento da Revolução Cubana representando os maranhenses, que estes também foram em manifestações em favor e deixando claro seu posicionamento.

O presente trabalho, verificou-se como a Guerra Fria, um acontecimento mundial impactou a história latino-americana, principalmente no âmbito local, Maranhão. Esse episódio esteve presente nos principais meios de comunicações brasileiros, dando ênfase nos impressos que tiveram um papel de informar e formar opiniões. Temos a figura do Fidel Castro que influenciou diversas pessoas como militantes, intelectuais e movimentos estudantis no incentivo por lutar por melhores condições para nação, questionar políticas tanto internacionais e locais.

O diretor do *Jornal do Povo* se posicionava de maneira clara sobre a Revolução Cubana, as notícias eram destaque nas páginas, principalmente na capa. Havia uma cobertura nacional e internacional, expondo concepção de cada governante e ações acerca do movimento revolucionário. Ele acreditava que um bom jornalista teria que ter emoção e que a parcialidade não impede a narração dos fatos e o compromisso com suas ideias no mundo. Isso era demonstrado claramente no Jornal e em seus discursos.

A contribuição do Neiva Moreira para a política, história e jornalismo é substancial, acreditava em uma justiça social, com intuito de colocar em foco as classes populares e o cotidiano ludovicense. Mesmo com posições favoráveis a Revolução Cubana não deixava de lado as críticas como o movimento popular não ser claro com os objetivos para os meios de comunicação, assim como o mito do central do foco da guerrilha. Também havia uma defesa pela Reforma de Base propostas pelo presidente João Goulart.

Seu jornal tinha o princípio de ser reformulador da imprensa maranhense, era considerado como inovador, fugindo daquele jornalismo narrativo, havia objetividade nos textos. Essas técnicas adquiridas vieram das experiências profissionais que ele teve na sua jornada profissional pelo Rio de Janeiro.

No campo historiográfico, entende-se que a imprensa tem grande contribuição para o historiador, o conduz o entendimento sobre os homens ao longo tempo, cabendo estudar como agente e observar ideias e personagens que percorrem pelas páginas do jornal. No Maranhão não foi diferente, o diretor do jornal e a sua carreira política dizia muito sobre a linha editorial, ele obteve êxito, se atrelou a movimento grevistas que

influenciaram a mobilização de movimentos grevistas e suas ações incomodavam os Vitorinistas, se destacava na opinião pública a cada ano, empreendeu lutas anti-imperialistas motivado pelos desdobramentos da Guerra Fria. Neiva Moreira tinha planos para ser governador do Maranhão em 1965, sua candidatura já causava insatisfação pela oposição principalmente por Vitorino Freire. Esta que falhou, pois, a candidatura de José Sarney ficou mais forte e foi eleito em 1965 com apoio do governo militar e de diversas lideranças políticas de oposição ao vitorinismo. Com o golpe de 1964, alguns dos colaboradores do *Jornal do Povo* passaram um tempo presos, Neiva Moreira foi preso e sofreu diversas perseguições, sendo assim o jornal precisou encerrar suas atividades e o diretor exilou-se em diversos países da América Latina.

Como percebeu-se, o *Jornal do Povo* acompanha o processo revolucionário até o encerramento das suas atividades, seja de nível nacional e/ou local. Aponta como foi o desenvolvimento após a chegada dos guerrilheiros, de forma como esse movimento se expressou e influenciou figuras políticas e intelectuais, na maneira como o diretor Neiva Moreira e seus colaboradores expressavam os desdobramentos da revolução nas páginas do periódico, preocupando-se em conectar o mundo com Maranhão. Observa-se como a Revolução Cubana mobilizava o jornal, a sociedade ludovicense da época. Sendo assim, nos permite compreender e entender sua contribuição para a história maranhense através do seu papel político, econômico, social a partir dos anos 1950, os seus ideais do jornal estavam pautados na liberdade democrática, colocou-se contra o coronelismo, persistindo na política regional e nas lutas como a defesa da autodeterminação dos povos.

## Referências:

### a) Documentos

#### Jornais

*O Jornal do Povo*

### b) Bibliografia

ALMADA, Jhonatan. (org.). *Neiva Moreira: semeador das rebeldias*. São Luís: Ed. Engenho, 2017.

AYERBE, L. F. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora Unesp, 2002. v. 2000. 299p.

AYERBE, Luis Fernando. *A Revolução Cubana*. Editora: UNESP. Coleção Revoluções do século XX. São Paulo. 2004.

BEZERRA, Gustavo Henrique Marques. *Da revolução ao reatamento: A política externa brasileira e a questão cubana (1959-1986)*. Brasília: FUNAG, 2012.

BEZERRIL, Simone S. *Os impressos jornalísticos e a escrita da história*. Temática (João Pessoa. Online), v. 8, p. 1-13, 2011.

BORILLI, Tainara. A Atuação da OEA a Partir dos Desdobramentos da Revolução Cubana no Auge da Guerra Fria; 2015; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade do Sul de Santa Catarina; Orientador: Luciano Daudt da Rocha;

BUZAR, Benedito (org). *Neiva Moreira: o jornalista do povo*. São Luís: LITHOGRAF, 1997.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. O legado pastoral-profética de Dom Antônio Batista Fragoso. **Teologia do Nordeste**. 2020. Disponível em: <https://www.teologianordeste.net/publicacoes/livros/319-o-legado-pastoral-profetica-de-dom-antonio-batista-fragoso.html>

COSTA .Ramon Bezerra. *As origens do jornal O Estado do Maranhao*. Revista PJ:Br , v. 10, p. 5, 2008.

CAPELATO, Maria Helena. *A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador*. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas: CAPES, 2015. p.114-136.

CAPELATO, M. H. R. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto (Coleção Repensando a História), 1988. 78p.

COSTA, Wagner Cabral da. **Sob o signo da morte: o poder oligárquico de Victorino a Sarney**. São Luís: Edufma, 2006.

CRUZ; PEIXOTO, Maria Do Rosario da C. **Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa**. Projeto História (PUCSP), v. 1, p. 22-38, 2007.

CORRÊA, Rossini. **Formação Social do Maranhão: o presente de uma arqueologia**. São Luís: SIOGE, 2017.

FERREIRA JUNIOR, José Ribamar. **Jornal do Povo: extinto em função do golpe de estado de 1964 e reverenciado pela história da imprensa maranhense**. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2014, Foz do Iguaçu. *ANAIS INTERCOM XXXVII*. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2014.

\_\_\_\_\_. **A arena da palavra: parlamentarismo em debate na imprensa maranhense 1961-1963**. São Paulo; Anablume, 1998.

HOBBSAWM, Eric, *A Era dos Extremos, o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a revolução Cubana**. 1.ed. Expressão Popular. São Paulo, 2007.352p.

FRANCHINI NETO, H. **A Política Externa Independente em ação: a participação brasileira na Conferência de Punta del Este, de 1962**. Revista Brasileira de Política Internacional, Brasília, v. 48, n.2, p. 129-151, 2005.

LOWY, Michael. **O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais**. [tradução Claudia Schiling, Luís Carlos Borges] 4. ampl.- São Paulo: Editora Expressão Popular : Perseu Abramo,2016.632p.

LÖWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação: religião e política na América Latina**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo e Expressão Popular, 2016. 256p.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MARQUES, Leonardo. Dom Antônio Fragoso – 100 anos de um teixeirense, pastor e profeta. **Irmandade dos Mártires**. 2020. Disponível em:

<https://irmandadedosmartires.com.br/dom-antonio-fragoso-pastor-e-profeta/>.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto de V. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Google Books. PDF. 1 dezembro 2019.

PATRIOTA, LG. **A Mídia e a Desertificação do Nordeste**. Trabalho de conclusão de curso. Faculdade das Ciências Sociais Aplicadas, Brasília, 2005.

PERICÁS, L. B. M. ; PERICÁS, Luiz Bernardo . **Che Guevara e o debate econômico em Cuba**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. v. 1. 285p .

PINTO, Maria Núbia Bonfim. **Do velho ao novo: política e educação do Maranhão**.

Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1982

RÉMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

RICUPERO, Rubens. **“O Brasil, a América Latina e os EUA desde 1930: 60 anos de uma relação triangular”**. In: GUILHON DE ALBUQUERQUE, José Augusto (Org.). **Sessenta anos de política externa brasileira (1930-1990)**. São Paulo: Cultura Editores

em: Associados; NUPRI/USP, 1996. v 1: Crescimento, Modernização e Política Externa p.37-60.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. **A América do Sul no Discurso Diplomático Brasileiro**. 1. ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2014. v. 1. 247 p.

SPOHR, Martina. **Aliança para o Progresso e empresariado: o papel da empresa privada no governo John F. Kennedy (1961-1963)**. In: BRASA XIII, 2016, Providence. Anais da BRASA XIII, 2016.

VASCONCELOS, Joana Salém. **Cuba e a dependência externa: passado e presente**. Revista Rebelo, v. 6, p. 107-143, 2016.

WASSERMAN, C. . **Historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil**. História Caribe , v. 1, p. 57-76, 2007.

WASSERMAN, C. . **A recepção da Revolução Cubana: a historiografia brasileira**. Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe , v. 18, p. 1-20, 2007.